



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS

CARLOS HENRIQUE FERNANDES DA SILVA

TRADUÇÃO COMENTADA DE CONTOS DO BURKINA FASO

SALVADOR

2023

CARLOS HENRIQUE FERNANDES DA SILVA

**TRADUÇÃO COMENTADA DE CONTOS DO
BURKINA FASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Estrangeira com habilitação em Língua Francesa, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmem Lucia Druciak

Salvador

2023

RESUMO

Este trabalho visa a apresentar e comentar a tradução em português de três contos maravilhosos do Burkina Faso, a partir da coletânea *Les petits contes savanes du Burkina Faso*, do antropólogo e escritor Bernard Germain Lacombe. Seguindo pressupostos teóricos expostos por Britto (2012) e Berman (2013), objetivou-se neste estudo produzir uma tradução que não apenas fosse criativa, mas que também mantivesse o caráter estranho do texto de partida. Dessa forma, na tradução dos contos “*Ilo et Tyamaba*”, “*Les Scorpions*” e “*Les deux héros de la cité de Sara*”, preocupou-se tanto com o fazer-se entender quanto ressaltar os elementos culturais do Burkina Faso. Intentou-se com este trabalho difundir uma cultura outrora marginalizada e contribuir para a produção de obras literárias africanas em língua portuguesa.

Palavras-chaves: Contos africanos. Burkina Faso. Tradução.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à présenter et commenter la traduction en portugais de trois contes merveilleux du Burkina Faso, à partir du recueil *Les petits contes de savane du Burkina Faso*, écrit par l'anthropologue et écrivain Bernard Germain Lacombe. Selon les hypothèses théoriques de Britto (2012) et Berman (2013), l'objectif de cette étude a été de produire une traduction créative aussi bien que fidèle au caractère étrange du texte de départ. Ainsi, en traduisant les contes « Ilo et Tyamaba », « Les scorpions » et « Les deux héros de la cité de Sara », nous avons cherché à la fois à nous faire comprendre et à mettre en valeur les éléments culturels du Burkina Faso. Le but de ce travail est de diffuser une culture autrefois marginalisée et de contribuer à la production d'œuvres littéraires africaines en langue portugaise.

Mots clés : Contes africains. Burkina Faso. Traduction.

SUMÁRIO

<u>1 INTRODUÇÃO</u>	5
<u>2 ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS</u>	9
<u>3 O CONTO AFRICANO</u>	12
<u>3.1 INFLUÊNCIA ÁRABE</u>	14
<u>3.2 A PROLE</u>	15
<u>3.3 ORGANIZAÇÃO FAMILIAR</u>	16
<u>3.4 ELEMENTOS DO MARAVILHOSO</u>	17
<u>3.5 O HERÓI</u>	20
<u>3.6 A VIOLÊNCIA</u>	20
<u>4 TRADUÇÃO</u>	21
<u>5 ANÁLISE DA TRADUÇÃO</u>	45
<u>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	53
<u>REFERÊNCIAS</u>	55

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, a tradução tem servido como o instrumento com o qual as mais diversas culturas pelo mundo têm interagido e convergido entre si. A sua prática não apenas requer o conhecimento da língua de partida e da língua de chegada, mas também das problemáticas que surgem a partir do seu processo.

Como mostram teóricos como Britto (2012) e Berman (2013), o trabalho de tradução requer paciência e criatividade por parte do tradutor, uma vez que as línguas, por mais parecidas que possam ser, em suas estruturas internas ou externas, não são de maneira alguma iguais e, por consequência, apresentam diferenças que dificultam em variados níveis o processo tradutório. Trata-se de um trabalho que demanda reflexão e experiência por parte daquele que se propõe a realizar essa árdua tarefa.

Tradicionalmente, essa ferramenta de comunicação tem sido utilizada dentro de um panorama hierárquico, isto é, em favor das culturas cujos poderes econômicos e sociais se sobressaem sobre as demais, fenômeno designado como colonialidade. A história mostra como as ditas culturas hegemônicas, sobretudo as europeias, se serviram da tradução para difundir os seus valores e ampliar os seus domínios, especialmente sobre territórios invadidos.

Com o surgimento das novas tecnologias e o subsequente processo de globalização, abriu-se o caminho e aumentou-se o interesse por outras culturas outrora marginalizadas. A tradução pôde servir outras literaturas fora da tradição europeia e, principalmente, posicioná-las em um lugar de protagonismo. O que se produz nos tempos atuais é um quadro muito mais próximo e digno da diversidade cultural presente pelo mundo.

A literatura africana tem sido uma das mais beneficiadas por essa mudança de mentalidade, quer ela seja através do oral ou da escrita, em língua nativa ou europeia, seja partindo do resgate de uma história pré-colonial ou de uma subversão pós-colonial. Tão rica e diversa quanto a de tradição europeia, trabalhar com a cultura africana representa tanto ampliar uma visão de mundo como posicionar-se contra o *statu quo* estabelecido por valores arcaicos e imorais.

Sendo assim, este trabalho tem por foco a tradução comentada de três contos do Burkina Faso¹, país localizado próximo ao Golfo da Guiné no continente africano. Anteriormente conhecido como Alto Volta, mudou para o atual nome em 1984, durante a Revolução socializante, liderada por Thomas Sankara², mais de vinte após a sua independência em 1960. Trata-se de um neologismo cunhado a partir de duas línguas locais³, significando “terra de homens dignos”.

Sem fronteira com o mar, o país sofre com a escassez de recursos naturais, sobretudo durante períodos longos de seca. Ainda assim, mesmo com a terra fértil reduzida, a produção agrícola, sobretudo de algodão e cana-de açúcar, é um dos principais polos econômicos do país, junto à produção e exportação de ouro branco (VISENTINI, 2011).

Devido a longos e variados processos de ocupação e contatos territoriais, Burkina Faso apresenta uma grande diversidade cultural. Herança do império colonial, o francês se mantém como a única língua oficial, muito embora seja a mossi a mais falada por seus habitantes, especialmente por esse povo. Encontram-se espalhados pelo país cerca de sessenta grupos étnicos, dentre eles os fulani, bobo, dioula, gourunsi, gourmantché e lobi. A região se caracteriza ainda por uma maioria muçulmana, oriunda do avanço árabe entre os séculos XV e XVI.

Os contos foram extraídos da coletânea do escritor e antropólogo Bernard Germain Lacombe, *Petits contes des savanes du Burkina Faso* (2003). Os comentários tecidos mais adiante têm por foco tanto a problemática de traduzir de uma língua para a outra, no caso do francês para o português, quanto questões relacionadas aos cuidados que se deve ter em conta ao lidar com uma cultura estrangeira, sobretudo uma que passou por um apagamento histórico devido a processos de colonização.

O texto foi dividido em quatro capítulos. Na primeira, são feitos alguns apontamentos teóricos no que tange ao processo tradutório, ressaltando-se os elementos

¹ Embora sejam igualmente aceitas as grafias “Burquina Faso” e “Burquina Fasso”, decidiu-se dar preferência nesse trabalho à forma “Burkina Faso”, tal qual é feito pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), órgão público vinculado ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Diferentemente das outras formas, esta é antecedida sempre do artigo “o”, uma vez que se trata de um nome masculino.

² Um dos mais importantes personagens da história burkinense, assumiu a presidência do país durante a Revolução, tornando-se o quinto a sê-lo desde a independência. Notabilizou-se por sua luta contra a corrupção, pela educação, a igualdade de gênero e, principalmente, contra os resquícios da colonização francesa. Foi assassinado em 1987, em um golpe de estado orquestrado pelo ministro da Justiça do seu governo, Blaise Compaoré, cujo mando perdurou até 2014, ano em que foi deposto.

³ *Burkina* (“homens dignos”, na língua more) e *Faso* (“terra natal”, em diúla).

a serem observados para a elaboração de uma tradução que seja capaz de retransmitir os valores literários do texto de partida, sem perder de vista a importância de ser claro e funcional enquanto texto de chegada (em outras palavras, entendível a seu público alvo). Aponta-se ainda a importância dos estudos culturais para o entendimento da cultura e do texto estrangeiros.

O capítulo seguinte trata do conto africano e suas facetas. Embora esse gênero seja universal enquanto transmissor de valores da cultura em questão, é imprescindível frisar como essa vertente continental se diferencia da tradição europeia, cujos personagens e crenças foram os que se perpetuaram hegemonicamente na cultura popular ocidental. Contextualizar os elementos do conto africano se trata também de posicioná-lo em seu devido lugar de destaque na literatura mundial

Os dois capítulos seguintes trazem os três contos traduzidos – lado a lado texto de partida e tradução – e os comentários tecidos acerca deles. Uma vez que a tradução é o grande ponto de enfoque deste trabalho, tomou-se a consciente decisão de incorporá-los ao texto principal ao invés de relegá-los à parte dos elementos pós-textuais. Dessa forma, a leitura das traduções se torna ainda mais vital e dialoga mais diretamente com os comentários feitos no capítulo dedicado aos mesmos.

O texto traduzido é acompanhado ainda de um pequeno glossário, destacados nas notas de rodapé, com a significação de palavras estrangeiras e outras referentes ao universo do Burkina Faso e do continente africano. Muito embora a obra de Lacombe contenha um glossário próprio, o deste estudo foi elaborado de maneira independente, a partir tanto das informações fornecidas pelo autor quanto de outras fontes bibliográficas.

Lidar com contos maravilhosos não foi uma escolha por acaso: ricos em pluralidade de personagens e de ambientação, essas histórias ultrapassam gerações e fronteiras, despertando o interesse por onde passam e de quem alcança, incluindo a mim enquanto leitor e tradutor. Mas, com tantas possibilidades ao redor do mundo, especialmente dentro do universo francófono, pareceu-me mais intrigante e oportuno trabalhar com uma outra literatura que não fosse centralizada sobre a França e a sua cultura.

Eis que surge o Burkina Faso, esse país de língua oficial francesa que, embora não esteja entre os mais famosos tanto no continente africano quanto nos países africanos francófonos, possui uma literatura vasta e surpreendentemente diversificada

culturalmente, diferenciando-se de forma considerável do modelo europeu, e cuja identidade e individualidade merecem ser mais reconhecidas e divulgadas.

Neste trabalho, tem-se a intenção de não apenas contribuir com a difusão da literatura africana, sobretudo a que se refere ao Burkina Faso, mas também de engajar o diálogo acerca de uma literatura afro-brasileira. Em um mundo onde o acesso à informação está disponível com um clique, cabe ao tradutor, no papel de mediador cultural, tornar o alcance a essas obras algo real ao leitor ávido por conhecê-las.

2 ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS

A tradução se faz presente na história da humanidade desde antes mesmo da invenção da escrita; afinal, trata-se de uma importante ferramenta de comunicação entre povos distintos que não falam a mesma língua. Porém, para além da funcionalidade dessa prática, é preciso também refletir sobre ela, compreender e avaliar os elementos que a tornam satisfatória.

Desde o primeiro registro de um comentário de tradução, feito por Cícero no longínquo século I a.C., passando pelas tradições francesa e alemã, até finalmente ser criada uma área exclusivamente dedicada à atividade nos anos setenta do último século, tradutores têm se dedicado a destrinchar a prática e estabelecer modelos ideais de uma tradução que seja ao mesmo tempo fiel ao texto original e coerente na língua para a qual o texto será traduzido. Uma tarefa tão ambiciosa quanto impossível, pois, como afirma Britto (2012, p. 44),

[...] nossa atividade é muito complexa, e portanto nossas metas, ainda que devam ser as mais ambiciosas, não podem jamais ser atingidas de modo absoluto. Devemos, portanto, aprender a conviver com o imperfeito e o incompleto. Conseguir recriar em português um romance de Proust, ou uma tragédia de Shakespeare, ou um poema de Goethe, é uma das tarefas mais árduas que se pode imaginar; mas o que o tradutor brasileiro deve tentar fazer é precisamente isto: proporcionar ao leitor lusófono a experiência mais próxima possível de ler Proust em francês ou Shakespeare em inglês ou Goethe em alemão.

Traduzir é uma atividade que envolve habilidades que vão muito além de simplesmente ser conhecedor da língua estrangeira e da língua nativa. Tal qual o processo de criação de um texto autoral, a tradução requer cuidado, paciência e perspicácia por parte do tradutor para superar os obstáculos que eventualmente tendem a aparecer durante a realização desta prática.

Um dos maiores entraves enfrentados pela tradução se dá quando não há correspondência entre palavras da língua de partida e da língua de chegada, podendo essa “ausência” ocorrer em diferentes níveis. Nos casos menos complexos, a palavra utilizada no texto de partida pode abarcar diferentes acepções na língua do texto traduzido, cabendo ao tradutor apreender o seu significado a partir do contexto em que ela está inserida. Nos casos mais desafiadores, no entanto, a palavra em questão não possui nem ao menos

qualquer correspondente na língua de chegada; são os chamados casos de intraduzibilidade (BRITTO, 2012).

Obviamente, entende-se por “intraduzibilidade” não uma impossibilidade, mas uma dinâmica inerente à tradução, no qual as diferenças entre o texto de partida e o de chegada se mostram mais evidentes. Não se trata de uma lacuna vazia, mas de um espaço onde o tradutor, enquanto mediador cultural, deverá fazer uso de criatividade no texto de chegada.

Dessa forma, as soluções que tendem a ser encontradas pelo tradutor mostram que traduzir é mais que uma correspondência de palavra por palavra ou até mesmo frase por frase, mas uma questão de compreender e interpretar o texto de partida, de modo a recriá-lo em uma outra língua, mantendo-se o mais próximo possível da sua forma e sentido, sem perder de vista que de uma forma ou outra alguns valores literários serão perdidos no resultado final.

Berman (2013) propõe ainda que não se deve pensar a tradução somente sob a ótica da teoria e da prática, mas a partir da *reflexão* e da *experiência*. Com bases firmemente centradas nos estudos filosóficos, essa escola de pensamento visa a se desprender das amarras tradicionais da área e trabalhar os dois termos mencionados como inerentes ao ato de traduzir:

Assim é a tradução: experiência. Experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. Experiência, ao mesmo tempo, dela mesma, da sua essência. Em outras palavras, no ato de traduzir está presente um certo *saber*, um saber *sui generis*. (BERMAN, 2013, p. 23)

É com essa experiência adquirida que o tradutor poderá ser capaz de evitar as armadilhas da tradução nas quais muitos outros caíram ao longo dos tempos. Um desses possíveis problemas é o etnocentrismo, esse ato de trazer “tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores”, e que considera ainda “o que se encontra fora dela — o Estrangeiro — como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura” (BERMAN, 2013, p. 39).

Traduzir a cultura de uma língua para outra não é nenhuma novidade – como comentado anteriormente, o pensar sobre a tradução começou da relação dos latinos com as obras gregas –, porém, o enfoque sempre permaneceu entre culturas hegemônicas ou,

pelo menos, culturas cujos *status* lhes proporcionavam posições de destaque. Com o advento das novas tecnologias e o processo de globalização pelo qual o mundo vem passando desde a segunda metade do século XX, outras culturas, menos privilegiadas e, em grande parte dos casos, oprimidas, têm ficado em evidência⁴.

Cada vez mais e mais, é preciso evitar repetir os erros do passado, fugindo das traduções servis, que tendem a empobrecer o texto de sua forma e significado e que, historicamente, foram utilizadas para o apagamento de culturas dos colonizados em favor da do colonizador, sobretudo o europeu (AGRA, 2013). Não cair na armadilha da tradução etnocêntrica, de simplificar certos trechos aqui e ali, de forma a tornar a leitura “fácil” para o leitor ou mesmo de impor a sua visão de mundo, é respeitar a cultura alheia e reposicioná-la como relevante em uma sociedade globalizada e bastante diversificada entre si.

Além disso, a mentalidade do leitor moderno parece se mostrar diferente da de antigamente. A “leitura da obra pela obra” tem dado lugar a uma leitura também interessada no contexto de criação.

[...] o leitor comum de hoje, mais do que o de cem anos atrás, quer ter, ao ler uma tradução de uma obra estrangeira, a impressão de estar travando contato com um autêntico produto desta cultura que não é a sua - mesmo que tenha perfeita consciência de estar lendo um texto que é traduzido, e que portanto não é "original" nem "autêntico". (BRITTO, 2012, p. 66)

De modo geral, tem havido um verdadeiro incentivo, pelo menos em comparação a décadas passadas, para que se trabalhe com outras literaturas que não as europeias ou oriundas delas. Tanto os órgãos oficiais têm começado a apoiar a difusão de obras e culturas não-hegemônicas, a partir da aprovação de leis como a de nº 11.645/08⁵, quanto os movimentos sociais têm as utilizado como ferramenta de subversão e transgressão ante à imposição de uma tradição branca e eurocêntrica (SANTOS, 2019; SANTOS, 2021).

⁴ Vale destacar aqui, embora não seja o objetivo deste trabalho, a importância dos estudos de tradução para os estudos decoloniais. Ao se trabalhar com textos oriundos de culturas outrora subalternizadas, visando o seu protagonismo, contribui-se também para a mudança de pensamento que a pós-colonialidade tem pregado, isto é, de dar voz aos povos silenciados e fazer jus à pluralidade de raças e ideologias do mundo atual.

⁵ Versão atualizada da lei de nº 10.639/2003 que torna obrigatório os estudos da história e cultura afro-brasileira e indígena em estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados.

Sendo assim, neste panorama atual, de um lado, as culturas outrora ignoradas querem ser lidas, escutadas e promovidas; de outro, esferas da sociedade anseiam por lê-las, escutá-las e promovê-las. Cabe ao tradutor assumir um papel de mediador cultural, agindo como uma ponte segura e confiável para fazer acontecer essa conexão.

3 O CONTO AFRICANO

Gênero oriundo da tradição oral, o conto maravilhoso é ao mesmo tempo, universal e singular. Universal porque todos os povos o produzem com a intenção de instruir e moralizar os seus integrantes. Singular porque, sabendo-se que nenhuma comunidade é completamente semelhante à outra, todo conto porta consigo costumes e culturas próprias a seu respectivo povo (PAULME⁶, 1972).

A colonização europeia não apenas foi física, como também cultural. As literaturas dos territórios autóctones, majoritariamente orais, foram ofuscadas pelas dos países colonizadores. Dessa maneira, elementos pertencentes às obras europeias, potencializadas pela escrita, foram os que se consolidaram no imaginário popular mundial.

Personagens como o príncipe, a princesa, o herói, a madrasta e o monstro são todos idealizados a partir de um modelo europeu, seja em relação às suas características físicas, morais, seja aos seus objetivos sociais. Fato é que esse modelo não é único nem universal, tal qual provam outras literaturas ao redor do mundo, como as de origem africana.

Uma diferença fundamental entre os dois modelos pode ser vista a partir do objetivo final do conto. Enquanto a tradição europeia privilegia uma ascensão social da figura central, o “herói”, a solução do conflito nos contos africanos tem por tendência colocar o bem comunitário acima do individual⁷, dado que,

O sucesso individual conta pouco em comparação com a sobrevivência da linhagem ou o bom entendimento necessário para a vida comunitária. O indivíduo dado como exemplo não será o trabalhador obstinado, que triunfa pela sua tenacidade, onde outros antes dele esmoreceram, mas o homem médio, sem ambição excessiva, paciente, prestativo e um bom vizinho. (PAULME, 1972, p. 162) [*Tradução nossa*]⁸

⁶ Tal qual Vladimir Propp o fez para os contos europeus, Denise Paulme traz em seu artigo uma análise minuciosa e estruturalista dos contos africanos e seus elementos, posicionando-se como uma importante fonte de estudos para aqueles que se interessam por esse gênero literário.

⁷ Outros autores como Leite (1995/1996) defendem, no entanto, a importância de não perder de vista a individualidade dentro de sociedades negro-africanas e entre sociedades negro-africanas.

⁸ *La réussite individuelle compte peu en regard de la survie du lignage ou de la bonne entente nécessaire à la vie en commun. L'individu donné en exemple ne sera pas le travailleur acharné, qui réussit par sa tenacité là où d'autres avant lui se sont découragés, c'est l'homme moyen, sans ambition excessive, mais patient, serviable et bon voisin.* (PAULME, 1972, p. 162)

As ações do homem africano são refletidas em sua comunidade. Logo, é importante que, acima de tudo, ele seja um bom indivíduo, de forma que as regras de convivência não sejam violadas e a paz coletiva seja mantida.

Uma outra diferença é a moral. De acordo com Paulme (1972), o conto africano, mais ambíguo, não condena a farsa quando ela se faz necessária e quando nenhum outro meio é possível de ser empregado, tomando como lema que os fins, legítimos, justificam o meio. No entanto, ela alerta ainda, valendo-se da análise de Lacoste-Dujardin (1970) do conto *Cabila*⁹, que os contos não são um completo e fiel retrato da cultura local, sendo importante não se prender tanto à sua análise etnográfica. Ao mesmo tempo,

[...] A interpretação que propõem permite também compreender melhor o modelo que nele se reflete, o problema que a vida apresenta a seus filhos, as soluções propostas e a recepção reservada aos comprometidos – em suma, o julgamento que a sociedade, através da voz do contador de histórias e os comentários do público, levanta sobre si mesma: “os contos são testemunhas do interior, não dos observadores estrangeiros”. (p. 163) [*Tradução nossa*]¹⁰

Como se trata de um imaginário diferente do que é difundido mundialmente e consumido em território brasileiro (lê-se o de tradição europeia), as características singulares encontradas nos contos africanos não apenas acentuam as culturas ali expressas, mas também as suas importâncias políticas dentro do contexto de uma literatura global. Desse modo, embora deva-se evitar cair em estereótipos ou fazer generalizações acerca dos elementos presentes na literatura de origem africana, eles apresentam de fato valores pertinentes à construção de identidade da cultura local.

3.1 INFLUÊNCIA ÁRABE

Quando se fala em conto africano, sobretudo o referente ao norte da África, é impossível não mencionar a forte influência da cultura árabe na região. Foram anos de ocupação territorial e contato direto entre os povos árabes e os povos autóctones, de modo

⁹ LACOSTE-DUJARDIN, Camille. **Le conte kabyle**. Paris, 1970, p. III.

¹⁰ [...] *l'interprétation qu'ils proposent permet aussi de mieux comprendre le modèle qui s'y reflète, les problèmes que la vie pose à ses enfants, les solutions proposées et l'accueil réservé aux compromis - en un mot le jugement que la société, par la voix du conteur et les commentaires du public, porte sur elle-même: « Les contes sont des témoins de l'intérieur, non des observateurs étrangers. »* (PAULME, 1972, p. 163)

que, inclusive, em muitos países africanos, como é o caso do Burkina Faso, a maior parte da população segue a religião islâmica¹¹.

Esse contato também pode ser visto nas histórias dos folclores locais, especialmente no que tange a elementos da mitologia árabe. Um personagem como o *jinn*, por exemplo, e sobre o qual se discorrerá adiante, é uma figura mítica caracterizada por estar no meio-termo entre o bem e o mal, e que está perfeitamente integrado à ambientação local e à moral do conto, de tal maneira que é impossível mergulhar nesse universo e não se deparar com essa convergência de culturas.

3.2 A PROLE

As crianças estão na essência dos contos africanos, tanto como personagens centrais, quanto como o público-alvo para o qual a história é destinada. Esse protagonismo não é por acaso: a criança, mais do que qualquer outro personagem do conto, é aquela quem melhor representa o homem africano (N'DA, 1984). Por ser frágil e estar em uma etapa formativa da vida, ela se mostra como uma figura exemplar daquilo que a comunidade espera de um indivíduo ideal.

As crianças são tão frequentes nos contos, têm laços particulares com personagens tão diversos e suas condutas e seus comportamentos são tão edificantes que se pode razoavelmente considerá-las como casos interessantes no estudo dos valores educacionais e formativo dos contos. (N'DA, 1984, p. 59) *[Tradução nossa]*¹²

O desenrolar dessas histórias, os desafios e provas que as crianças precisam enfrentar, os personagens que elas vêm a conhecer – mais comumente as figuras mais velhas e/ou que representam sabedoria ou autoridade –, são sempre acompanhadas de valores educativos e formativos.

¹¹ 2020 Report on International Religious Freedom: Burkina Faso. **U.S. Department of State**. Disponível em: <<https://www.state.gov/reports/2020-report-on-international-religious-freedom/burkina-faso/>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

¹² *Les enfants sont si fréquents dans les contes, ils ont des rapports particuliers avec des personnages si divers, leurs conduites et leurs comportements sont si édifiants que l'on peut raisonnablement les considérer comme des cas intéressants dans l'étude des valeurs d'éducation et de formation des contes.* (N'DA, 1984)

Mostrando-se inicialmente desobedientes ou difíceis, as crianças passarão por um processo de amadurecimento ao longo do conto, muitas vezes sendo forçadas a se afastarem de suas comunidades, retornando apenas após passarem por um processo de metamorfose¹³ que as reposiciona como indivíduos obedientes que respeitam tanto a autoridade dos mais velhos como também o modo de vida tradicional da comunidade (KONAN, 2012).

3.3 ORGANIZAÇÃO FAMILIAR

Compreender as relações familiares dentro de um conto é também compreender a sociedade da qual ele é oriundo. O que se vê, por exemplo, em narrativas da tradição greco-latina é uma forte presença masculina, usualmente a figura do pai, cuja autoridade exerce grande influência sobre os outros personagens. Devido à colonização, essa relação hierárquica se refletiu também no continente africano:

A colonização precisava de ajudantes e só tinha concebido lugar para os homens. Desde então, o controle que a mãe exercia sobre os filhos não se estendia mais sobre os meninos. A mãe não era mais quem conservava o humanismo. Ou melhor dizendo, o menino se via confrontado com um outro humanismo para o qual a colaboração da mãe não podia se manifestar. Ao mesmo tempo, as meninas continuavam a se iniciar nas tradições africanas, sem contato com o novo mundo. (ATANGANA, 1957, p. 141) *[Tradução nossa]*¹⁴

No entanto, de modo mais abrangente, em comparação à tradição ocidental, a tradição africana reserva à mulher, mais especificamente a mãe de família, um papel muito mais proativo dentro da comunidade. Do casamento em diante, a mulher se emancipa e se torna a chefe da família, tendo o seu trabalho valorizado e a sua opinião ouvida e respeitada, tanto pela família quanto pelos membros da comunidade

¹³ Leite (1995/1996, p. 108) acrescenta sobre esse ato conhecido por “rito iniciático”: “O domínio que a sociedade detém sobre as mutações do ser humano transparece particularmente bem nos processos de socialização, com suas fases iniciáticas destinadas a fazer configurar essa progressão que é orientada para a elaboração de uma personalidade final básica, capaz de manter e transmitir os valores mais fundamentais do grupo social.”

¹⁴ *La colonisation avait besoin d'auxiliaires et n'avait conçu que des cadres masculins. Dès lors le contrôle que la mère exerçait sur ses enfants ne pouvait plus s'étendre sur les garçons. La mère ne détenait plus la conservation de l'humanisme, ou plutôt, le garçon se trouvait confronté avec un autre humanisme pour lequel le concours de la mère ne pouvait pas se manifester. Dans le même temps, les filles continuaient à s'initier aux traditions africaines, sans contact avec le monde nouveau.* (ATANGANA, 1957, p. 141)

(ATANGANA, 1957). De modo geral, o bom funcionamento da sociedade africana passa pelo papel exercido pela mulher, sendo ela também a responsável por conservar a tradição dos ancestrais.

A mulher é reverenciada em seu papel como a mãe, que é a portadora da vida, a condutora para a regeneração espiritual dos antepassados, a portadora da cultura e o centro da organização social. (CARVALHO; TUBENTO, 2021, p. 313)

É justamente esse papel de educadora e portadora da cultura que torna a mãe uma das figuras de autoridade mais presentes nos contos africanos. Juntamente ao mais velhos, sejam estes representados pela figura do sábio da comunidade ou dos avós, a mulher mãe desempenha uma função de “polo de atração da comunidade” (ATANGANA, 1957, p. 140), dado que é com ela que os membros da comunidade buscam se aconselhar. Nos contos africanos, a figura da mãe deve ser sempre respeitada e os seus conselhos seguidos, pois ela é o suporte moral da sociedade africana.

3.4 ELEMENTOS DO MARAVILHOSO

As figuras mitológicas que compõem o conto africano exercem um papel antagônico distinto daquele retratado pela tradição greco-latina. Isto porque elas não apenas exercem a função de adversários que o herói precisa derrotar para ascender socialmente, como também a de ajudantes, encarregados de auxiliar o herói em sua metamorfose moral. Konan (2012), a partir de ideias expostas na obra de Nietzsche (1993 [1886])¹⁵, destaca que a figura mitológica africana será a responsável por expurgar a monstruosidade moral do herói, reabilitando-o socialmente.

Sua forma verdadeira, à primeira vista, nem sempre é aparente:

O monstro é um ser extraordinário que vive forado cotidiano dos humanos. Se ele aparece, como tal, como um estranho na aldeia, é também, justamente, por causa dos seus traços idiossincráticos. Ele sempre esconde a sua verdadeira identidade: tribo, sobrenome, família, genealogia, aldeia. Sua origem é indefinida. (KONAN, 2012, p. 190-191) [*Tradução nossa*]¹⁶

¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich. **Par delà le bien et le mal**. Paris: Hachette / Pluriel, 1993 [1886].

¹⁶ *Le monstre est un être extraordinaire qui vit en dehors du quotidien des humains. S'il apparaît, à ce titre, étranger au village, il est aussi un être étrange en raison même de ses traits idiosyncratiques. Il masque*

Embora se insira na comunidade, camuflando-se entre os humanos, o monstro mantém sempre o mistério sobre si. A sua personalidade peculiar é, ao mesmo tempo, o que o introduz dentro da comunidade e o que o deixa à margem. Apenas a partir do seu encontro com o herói é que o mesmo revela a sua verdadeira forma.

Um desses elementos do maravilhoso é o *jinn*¹⁷. Entidade sobrenatural que alterna entre o angélico e o demoníaco, o bem e o mal, é um dos personagens mais conhecidos da mitologia árabe. Trata-se de uma figura cuja forma animalesca e gigantesca, além de poderes sobre-humanos, tem como propósito causar estranhamento e medo, representando, por consequência, os perigos além dos limites da comunidade (KONAN, 2012).

Essa função exercida pelo *jinn* parte, segundo Konan (2012), de uma “pedagogia pelo medo”, um ensinamento característico dos povos negros que visa a dissuadir as crianças dos costumes considerados prejudiciais à comunidade. É um procedimento de efeito gradual que,

[...] começa primeiro, pelos conselhos, seguido das advertências, depois as proibições para, enfim, levar a cabo a aplicação efetiva de um medo edificante após uma separação ou mesmo banimento, equivalente à morte simbólica do herói, visando uma eventual reinserção. (KONAN, 2012, p. 194) [*Tradução nossa*]¹⁸

Os animais também se fazem bastante presente nos contos africanos, sendo utilizados sobretudo como representações figurativas dos humanos (KONAN, 2012). Essas figuras animalescas podem variar desde animais peçonhentos, como a serpente ou o escorpião, até o rei da selva, o leão. Eles são elevados ao papel principal na história, adotando características próximas aos humanos, de forma a dar lições aos homens, mostrando a eles os seus erros em suas ações; os humanos, como bons observadores que são, serão capazes de compreendê-los e de se auto corrigirem (LEGUY, 2006).

As qualidades e os defeitos atribuídos aos animais, as suas características físicas ou comportamentais estão na origem de numerosas fórmulas proverbiais do corpus africano,

toujours sa vraie identité : tribu, patronyme, famille, généalogie, village. Son origine est indéfinie. (KONAN, 2012, p. 190-191)

¹⁷ Esse personagem partilha de algumas características, tanto em relação à função quanto à aparência, com um vizinho oriundo das religiões de matriz africana, o Exu, o que poderia sugerir algum tipo de convergência entre ambos em um determinado momento da história do continente africano.

¹⁸ [*...*] *commence d'abord, par les conseils, ensuite des mises en garde, puis les interdictions pour enfin, aboutir à l'application véritable d'une peur édifiante suite à une séparation voire un bannissement, équivalence de la mort symbolique du héros, aux fins d'une éventuelle réinsertion.* (KONAN, 2012, p. 194)

particularmente o dos *bwa*, que frequentemente dão voz aos próprios animais. (LEGUY, 2006, p. 21) [*Tradução nossa*]¹⁹

Uma vez que existe uma forte ligação entre o indivíduo africano e a natureza, é natural que essa realidade se reflita nos contos. Seja em convívio com a entidade sobrenatural seja com o animal selvagem, a harmonia estabelecida entre o homem e esses seres significa uma sociedade funcional, bem como um senso comunitário próspero.

Um exemplo desta relação pode ser visto no mito da serpente mágica Tyamaba (ou Tyanaba)²⁰. Personagem oriundo da mitologia fula, diferentes versões de suas aventuras permeiam a África Ocidental – e até mesmo a sua aparência pode variar em algumas delas, podendo aparecer inclusive sob a forma metade homem, metade serpente –, mas o pressuposto é sempre o mesmo: sua ligação especial com o seu gêmeo humano Ilo. É graças a essa convivência que o homem africano apreende os valores familiares e retoma o bom caminho.

O imaginário africano reserva ainda à serpente o simbolismo da fecundidade e renovação da vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990). Um encontro derradeiro de uma mulher, enquanto esposa, com esse animal não é casual, mas um bom presságio quanto à prosperidade da linhagem familiar.

Ainda assim, esse elo com a natureza não garante que todos os bichos sejam vistos com bons olhos, como é o caso do escorpião. Para muitos povos africanos, esse animal peçonhento não apenas é visto como um ser maléfico, como também se evita mencioná-lo, de modo a não desencadear forças maléficas contra si mesmo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990).

¹⁹ *Les qualités et les défauts attribués aux animaux, leurs caractéristiques physiques ou comportementales, sont à l'origine de nombreuses formules proverbiales du corpus africain, notamment de celui des Bwa, qui donnent bien souvent la parole à l'animal lui-même.* (LEGUY, 2006, p. 21)

²⁰ KESTELOOT, Lilyan; BARBEY, Christian; NDONGO, Siré Mamadou. Tyamaba, mythe peul, et ses rapports avec le rite, l'histoire et la géographie. **Notes africaines** : bulletin d'information et de correspondance, Vol. 185-186, Université de Dakar, 1986.

3.5 O HERÓI

O herói, ou heroína, seja ele uma criança ou um jovem adulto, é o grande protagonista em torno do qual a história do conto gira e cuja vida é transformada ao final da narrativa. Enquanto que o herói-criança passa por um processo de reeducação social e moral nos contos africanos, os heróis-guerreiros, aqueles que se eternizam em lendas, têm seus feitos contados através desse gênero.

O herói-guerreiro africano não difere muito do modelo europeu. Tal qual os heróis ocidentais mais conhecidos, ele é forte, destemido e se destaca por ter derrotado adversários que representam uma ameaça ao povo. Esse arquétipo não é um acaso: é graças às façanhas desse bravo herói que o inimigo é expurgado da comunidade e a ordem é reestabelecida no território (CAMPBELL, 1989).

3.6 A VIOLÊNCIA

Os contos maravilhosos, de maneira geral, não se abstêm de incorporar a violência em suas histórias, seja na forma do lobo que devora a protagonista em Chapeuzinho Vermelho, de Perrault, ou da bruxa que se alimenta de crianças em João e Maria, dos irmãos Grimm. O que difere os contos africanos, no entanto, é de quem e por qual ponto de vista parte essa violência.

Enquanto que na tradição europeia a violência física sobre as crianças e adolescentes parte de um indivíduo fora do grupo social, em comunidades africanas, como as pertencentes ao Burkina Faso, esse tipo de ação é realizada pelos membros da comunidade, sobretudo os mais velhos. Em termos pedagógicos, trata-se de uma forma legitimada pelo grupo social de transmitir os conhecimentos locais aos mais jovens (LEWANDOWSKI, 2007).

Além disso, como afirma Nkashama (1997), a violência é também um importante elemento no que diz respeito à escrita ficcional de origem africana. Sendo um dos temas mais recorrentes nessa literatura, ela porta consigo marcas das histórias político-sociais pelas quais as diversas culturas que compõem o continente passaram através dos anos. A

violência, em diferentes níveis, tem a tendência de formar e explicar as ações do protagonista da história.

4 TRADUÇÃO

Foram traduzidos do francês para o português três contos do Burkina Faso: *Ilo et Tyamaba* (Ilo e Tyamaba), *Les Scorpions* (Os Escorpiões) e *Les deux héros de la cité de Sara* (Os Dois Heróis da Cidade de Sara). No capítulo seguinte, serão tecidos comentários acerca do processo de tradução.

Ilo et Tyamaba

Une femme peulh allait dans la brousse sur un petit sentier sableux quand elle rencontra un serpent, un python. L'animal se dressa vers elle. Elle resta immobile. Elle pria le Seigneur de l'accueillir, pensa à son mari qu'elle laissait seul, regretta l'espace d'un instant sa vie inféconde car elle ne laissait pas d'enfant... Et attendit. Mais le serpent ne lui fit rien. IIIa regarda et passa son chemin, lui frôlant la jambe. Le contact des écailles, au lieu d'être froid et effrayant, était doux.

Quand elle rentra chez elle, elle était remise de sa frayeur et n'en parla pas à son mari. Mais à la lune suivante, elle s'aperçut qu'elle était enceinte. Elle en fut étonnée et heureuse.

Ilo e Tyamaba

Uma mulher fula²¹ atravessava a mata sobre um pequeno caminho de areia quando encontrou uma serpente, um píton. O animal foi em sua direção. A mulher permaneceu imóvel. Rezou para que o Senhor a acolhesse, pensou no marido que tinha deixado sozinho, lamentou por um instante sua vida estéril porque que não deixava um filho... e esperou. Mas a serpente nada lhe fez. Observou-a e seguiu o seu caminho, passando pela sua perna. O contato das escamas, ao invés de ser frio e aterrorizante, era suave.

Quando retornou à sua casa, havia se recuperado do susto e não contou nada ao marido. Mas na lua seguinte, percebeu que estava grávida. Ficou surpresa e feliz.

²¹ Grupo étnico que compreende várias populações espalhadas pela África Ocidental, é majoritariamente composta por pastores nômades. Sua principal língua é o fulani.

Elle accoucha d'un garçon monstrueux qui faillit la faire crier : il avait deux têtes ! Mais non, il était parfaitement constitué et tenait simplement dans ses bras un gros œuf. Elle allaita l'enfant, qui ne pleurait que si on le séparait de son œuf jumeau. Elle appela son fils Ilo ; donna aussi un nom à l'œuf, elle l'appela Tyamaba. Un matin, elle vit l'enfant qui jouait avec un python. Elle comprit, voyant l'œuf brisé, que le jeune python était aussi son fils. Elle lui donna du lait de chèvre avant d'allaiter Ilo.

Ilo et Tyamaba grandissaient. Le père faisait pour son fils python une case chaque fois plus grande à chacune de ses mues. Car le python ne sortait jamais: il avait même dit à ses parents qu'aucune femme ne devait le voir ! Tout seul, Ilo accompagnait en brousse les quelques chèvres qui constituaient la seule richesse du couple.

Un jour, Tyamaba dit à son père :
« Viennent vers vous quatre-vingt-seize, chacune d'elle différente de l'autre. Elles sont à vous, je vous les offre. »

Deu à luz a um menino tão monstruoso que quase a fez chorar: tinha duas cabeças! Não, nada disso, nasceu perfeito, simplesmente carregava um grande ovo em seus braços. Amamentou a criança, que só chorava quando separada do seu gêmeo ovo. Chamou-o de Ilo; deu também um nome ao ovo, chamando-o de Tyamaba. Certa manhã, viu a criança brincando com um píton. Deu-se conta, vendo o ovo quebrado, que o jovem píton era também seu filho. Deu-lhe leite de cabra antes de amamentar Ilo.

Ilo e Tyamaba cresciam. O pai fazia para o seu filho píton uma cabana cada vez maior a cada uma de suas mudas. Porque o píton nunca saía: havia dito a seus pais que nenhuma mulher deveria vê-lo! Sozinho, Ilo acompanhava pela mata as poucas cabras que constituíam a única riqueza do casal.

Um dia, Tyamaba disse a seu pai:
“Estão vindo até você noventa e seis vacas, cada uma diferente da outra. São suas, ofereço-as a você”.

La parole du python s'accomplit et la petite famille peulhe devint riche. Avec quatre-vingt-seize vaches, elle avait toujours du lait à échanger contre du grain, du *soumbala* et un peu de viande aux marchés. Ilo promenait le troupeau dans la savane et l'amenait au fleuve pour s'y désaltérer. Les zébus lui obéissaient à la voix et son bâton de *nelgi* ne lui servait qu'à chasser les fauves, à faire tomber des fruits des arbres ou à assommer un lièvre qui s'enfuyait. Le soir, il rentrait, restant de longues heures à causer avec son frère : « Jamais je ne me marierai, lui disait-il, je ne veux pas que tu me quittes, je veux que tu restes avec moi. » Le python souriait devant l'innocence de son frère humain.

Tyamaba était adulte et vivait dans une grande case de terre, ronde comme un grenier, quand son père mourut. Sa mère ne tarda pas à s'affaiblir, elle appela ses fils et les recommanda l'un à l'autre. Puis elle s'adressa à Ilo et lui dit : « N'épouse pas de femme qui ait la peau jaune, car alors elle sera curieuse et tentera de voir ton frère que nul regard de femme ne doit blesser. » Et elle mourut.

²² Também chamada por *sumbala*, é conhecida como a “mostarda africana”, um condimento feito à base de sementes de *nére* fermentadas. O *nére* é uma árvore comumente presente nas savanas sudanesas e sahelinas.

A palavra do píton se cumpriu e a pequena família fula se tornou rica. Com noventa e seis vacas, havia sempre leite para trocar por grãos, *soumbala*²² e um pouco de carne nas feiras. Ilo passeava com o rebanho pela savana e o trazia para o rio para saciar a sede. Os zebus obedeciam à sua voz, enquanto que o cajado de *nelgi*²³ servia apenas para afugentar os felinos, derrubar as frutas das árvores ou nocautear uma lebre em fuga. À noite, retornava para casa, passando longas horas conversando com o seu irmão: “Nunca vou me casar”, dizia-lhe. “Não quero que você me deixe, quero que fique comigo”. O píton sorria diante da inocência do seu irmão humano.

Tyamaba era adulto e vivia em uma grande cabana de terra, redonda como um silo, quando o seu pai morreu. Sua mãe não tardou muito a adoecer e chamou os seus filhos, recomendando-os um ao outro. Depois, virou-se para Ilo e lhe disse: “Não se case com uma mulher de pele amarela, porque então ela ficará curiosa e tentará ver o seu irmão, que o olhar de nenhuma mulher deve ferir”. E morreu.

²³ Nome fula para uma madeira com uma determinada flexibilidade, com a qual se fazem os bastões para a caça ou para o pastado.

La vie continua, mais Ilo devenait un homme et un soir, en ramenant son troupeau, il rencontra une jeune femme à la peau couleur de miel et de lait. Il la voulut et l'épousa. Le python lui demanda: « As-tu bien suivi les recommandations de notre mère ? » « Oui, répondit Ilo, elle a la peau de miel, pas de l'ocre des savanes. » Tyamaba sourit devant cette inconscience du jeune homme et se résigna, car ce qui est écrit est écrit et doit se produire.

L'épouse, au début du mariage, accepta de ne pas regarder dans la case ronde, car son mari lui avait dit qu'un parent contrefait, nain et laid, y était réfugié qu'il devait nourrir chaque soir. Mais un jour qu'une voisine lui demanda du lait, elle répondit qu'elle n'en avait pas. « Et ce lait alors ? » demanda la voisine en montrant unealebasse pleine. L'épouse dit que ce lait était réservé au parent infirme de son mari qui était enfermé dans le grenier. La voisine rit : « Mais que tu es idiote, c'est une autre épouse qu'il a enfermée là dedans! Toi-même, ne vois-tu pas qu'il y reste longtemps au lieu d'y poser simplement laalebasse ? »

Piquée au vif, l'épouse voulut en avoir le cœur net : elle souleva le toit de paille du grenier et vit le python qui la regardait ! Atormentado, Tyamaba

A vida continuou, mas Ilo se tornava um homem e, uma noite, ao trazer de volta o seu rebanho, encontrou uma jovem com a pele de cor de mel e leite. Ele a desejou e casou com ela. O pítton o questionou: “Você seguiu as recomendações da nossa mãe?” “Sim”, respondeu Ilo, “ela tem a pele de mel, não de ocre das savanas”. Tyamaba sorriu diante desse ato inconsciente do jovem e se resignou, pois o que está escrito está escrito e deve acontecer.

A esposa, no começo do casamento, concordou em não olhar dentro da cabana redonda, porque o seu marido lhe havia dito que ali se refugiava um parente deformado, anão e feio, que ele devia alimentar todas as noites. Mas um dia, quando uma vizinha lhe pediu leite, respondeu que não tinha. “E esse leite, então?” Perguntou a vizinha, mostrando a cabaça cheia. A esposa disse que esse leite estava reservado ao parente enfermo de seu marido que estava confinado no silo. A vizinha riu. “Que idiota você é, é outra esposa que ele tem trancada lá! Não vê que ele fica muito tempo ali dentro ao invés de simplesmente colocar a cabaça!”

Ressentida, a esposa quis livrar o coração da dúvida: levantou o telhado de palha do silo e viu o pítton, que a observava! Atormentado, Tyamaba

rompit sa case d'un coup de sa tête puissante. Le mur en s'écroulant enterra la curieuse sous sa masse. Le bruit fut si grand qu'Ilo, qui guidait son troupeau dans une brousse proche du village, entendit et accourut aussitôt. Ilo, en arrivant chez lui, devant la case en miettes et sa femme morte, comprit le drame. Il suivit en courant la lourde marque laissée dans le sable par son frère serpent durant sa fuite.

Quand il atteignit le fleuve, Tyamaba y entra suivi des vaches qu'il avait donnée [*sic*] à sa famille. Il se saisit de la queue du python : « *Koro*, frère aîné lui dit-il affectueusement, reste, ne t'en va pas ». L'un tirait l'autre retenait. À la fin, le serpent sortit la tête de l'eau et dit à son frère bien-aimé : « Ce qui était écrit devait se réaliser : une femme autre que ma mère m'a vu, et je dois quitter le pays des hommes. Je sais ton affection. En retour je t'abjure de rentrer chez toi, mais ne retourne pas. Je vais dire à tes vaches de sortir, prends ton bâton de *nelgi*, celles que tu toucheras de ton bâton de berger, celle-là [*sic*] resteront avec toi. Mais ne te retourne pas ! » Alors, Ilo lâcha son frère qui s'enfonça dans les eaux du fleuve.

quebrou a sua cabana com um golpe da sua cabeça potente. O desmoronamento da parede enterrou a curiosa sob o seu peso. O barulho foi tão grande que Ilo, que guiava o seu rebanho pela mata próxima à aldeia, ouviu e veio correndo imediatamente. Ilo, ao chegar em casa, diante da cabana em ruínas e sua esposa morta, entendeu o drama. Correu atrás da forte marca deixada na areia pelo seu irmão serpente durante a fuga.

Quando chegou ao rio, Tyamaba entrou ali, seguido pelas vacas que ele havia dado à sua família. Ilo agarrou a cauda do píton: “*Koro*²⁴, meu irmão mais velho”, disse ele carinhosamente, “fique, não vá”. Um puxava, o outro se mantinha. No final, a serpente colocou a cabeça para fora da água e disse a seu amado irmão: “O que estava escrito tinha que se realizar: uma outra mulher que não a minha mãe me viu, devo deixar a terra dos homens. Sei do seu carinho. Em troca, suplico-lhe que retorne à casa, mas não volte aqui. Direi às suas vacas para saírem, pegue o seu cajado de *nelgi* e as que você tocar com o seu cajado de pastor, ficarão com você. Mas não olhe para trás!” Então, Ilo soltou o seu irmão, que se afundou nas águas do rio.

²⁴ “Irmão mais velho”, em fulani.

Le cœur en peine, l'homme reprit donc la route du retour. C'est alors qu'il entendit les vaches : elles marchaient d'un pas rapide mais elles étaient des ombres. Suivant les conseils de son frère, dès qu'elles s'approchaient de lui, il les touchait de son bâton de *nelgi* et elles devenaient de chair.

Le regret de la perte de son frère serpent rouvrit soudainement la blessure d'Ilo : il se retourna. Tyamaba, au milieu du fleuve, le regardait ! Les deux frères, jumeaux de la même mère, se firent un dernier adieu. Seules les vaches d'ombre retournèrent vers le fleuve, les autres suivirent l'homme. Quand le python eût disparu sous l'eau, Ilo rentra chez lui avec son troupeau. Il se maria et eut des enfants à qui il raconta l'alliance du Peulh et du python.

Voilà pourquoi le pasteur peulh ne se sépare jamais de son bâton de *nelgi* et que, lorsqu'une vache s'enfuit, il lui suffit de la toucher avec pour que, calmée, elle s'arrête et rejoigne le troupeau – car les vaches restent à jamais le don d'un frère python à ses frères humains.

Com o coração dolorido, o homem pegou o caminho de volta. Foi então que ouviu as vacas: andavam com um passo rápido, mas eram sombras. Seguindo os conselhos do seu irmão, assim que se aproximaram dele, tocou-as com o seu cajado de *nelgi*, tornando-as de carne e osso.

O arrependimento pela perda do seu irmão serpente reabriu de repente a ferida de Ilo: olhou para trás. Tyamaba, no meio do rio, o observava! Os dois irmãos, gêmeos da mesma mãe, deram um último adeus. Somente as vacas das sombras retornaram ao rio, as outras seguiram o homem. Quando o píton desapareceu debaixo d'água, Ilo voltou para casa com seu rebanho. Casou-se e teve filhos a quem contou sobre a aliança do fula e do píton.

É por isso que o pastor fula não se separa nunca do seu cajado de *nelgi* e que, quando uma vaca foge, basta tocá-la para que, mais calma, pare e volte ao rebanho – porque as vacas são para sempre um presente de um irmão píton a seus irmãos humanos.

Voilà pourquoi, quand un enfant se noie dans le fleuve, il suffit d'y jeter du lait pour qu'on puisse le retenir par son petit doigt si celui-ci dépasse de l'eau.

Et moi, qui tient cette histoire de la longue lignée des conteurs peulhs, je la laisse devant vous en vous recommandant de prendre toujours votre bâton de *nelgi* avec vous. Je vous dis aussi: respectez les pythons qui eux aussi sont nés d'une femme. Respectez les vaches car elles sont un don de nos frères pythons.

Et écoutez surtout les conseils de votre mère, elle saura qui vous convient comme épouse, ou comme époux.

É por isso que, quando uma criança se afoga no rio, basta jogar nele leite para que se possa resgatá-la pelo dedo mindinho se este aparecer para fora d'água.

E eu, que carrego essa história da longa linhagem de contadores fulas, deixo-a diante de você, recomendando-lhe de levar sempre consigo seu cajado de *nelgi*. Digo-lhe também: respeite os pítons que nascem de uma mulher também. Respeite as vacas porque elas são um presente dos nossos irmãos pítons.

E, acima de tudo, escute os conselhos de sua mãe, ela saberá quem é adequado para você como esposa, ou marido.

Les scorpions

Dans un pays de la brousse du Burkina, un homme allait de village en village, portant au bout d'une perche deux simples paniers ouverts. Il était remarquable à la fois par son grand âge et son allure alerte, comme s'il restait jeune homme. Il était fort aimable. Il répondait à ceux qui s'étonnaient de le voir par les chemins au lieu de rester chez lui à fumer la pipe et à regarder les enfants jouer, que c'est justement son travail qui le maintenait ainsi ! À qui demandait à regarder, le vieil homme montrait ses paniers : rien que des scorpions ! Il allait de maison en maison, attrapait les scorpions et les emmenait au loin pour les noyer. Mais n'avait-il pas peur qu'ils s'enfuient ? Le vieil homme riait: « Ne voyez-vous pas, disait-il, qu'ils sont méchants et pas seulement vilains et qu'ils se font tomber au fond les uns les autres ? »

Dans les maisons où il allait, il y avait toujours de méchants garçons et de vilaines petites filles. Parfois, leurs mamans excédées disaient: « Vous êtes de vrais scorpions ! » Et c'est comme si le vieillard les entendait. Il venait à son pas petit et précis, presque sautillant. « Des scorpions, madame ? Voulez-vous que je vous en débarrasse ? » La dame riait, amusée de la coïncidence entre la

Os Escorpiões

Em uma região na mata do Burkina, um homem ia de aldeia em aldeia, carregando na ponta de uma vara dois cestos abertos comuns. Ele era notável tanto pela sua velhice quanto pela sua vivacidade, como se fosse ainda um jovem rapaz. Era muito gentil. Àqueles que se impressionavam de vê-lo pelos campos ao invés de ficar em casa fumando cachimbo e vendo as crianças brincar, respondia dizendo que era justamente o trabalho que o mantinha assim! Ao que pedia para olhar, o velho mostrava os seus cestos: nada além de escorpiões! Ia de casa em casa, pegava os escorpiões e os levava longe para afogá-los. Mas ele não tinha medo que eles fugissem? O velho ria: “Não vê”, dizia, “que eles são cruéis, e não apenas malvados, e que afundam uns aos outros?”

Nas casas que ele frequentava, havia sempre meninos cruéis e meninas más. Às vezes, suas mães exasperadas diziam: “Vocês são verdadeiros escorpiões!” E é como se o velho as ouvisse. Ele vinha a passos curtos e precisos, quase saltitante. “Escorpiões, senhora? Você quer que eu me livre deles?” A senhora ria, divertindo-se com a coincidência da

réprimande qu'elle avait faite à ses enfants et l'arrivée de cet homme qui débarrassait les maisons de sa vermine. Ou bien la dame ne riait pas quand elle avait oublié ce qu'elle avait dit à ses enfants. Mais toutes répondaient « Oui », car toutes les maisons de brousse sont infestées de scorpions et le vieil homme s'y entendait à les attraper. Elles envoyaient les enfants se promener, ce qui valait mieux à ce qu'ils restent à se faire piquer en tripatouillant le panier ou à se moquer du vieillard, lequel, sitôt seul, se mettait à cueillir tous les scorpions de la maison, dont il remplissait son panier. Et les ménagères s'étonnaient qu'il y en eût tant chez elles!

Curieusement, les enfants disparaissaient comme les scorpions ; on avait beau les chercher, on ne les retrouvait plus ! Mais on les regrettait peu, car les enfants qui restaient étaient si obéissants qu'ils vous consolait des absents.

reprimenda aos filhos e a chegada desse homem que livrava os lares de suas pragas. Ou talvez nem ria, uma vez que já tinha se esquecido do que tinha dito aos filhos. Mas todas respondiam “sim”, porque todas as casas na mata estão infestadas de escorpiões e o velho sabia como capturá-los. Elas mandavam as crianças passearem, o que era melhor a se fazer do que ficar e ser picado ao mexer no cesto ou ficar zombando o velho, que, assim que ficava sozinho, começava a catar todos os escorpiões da casa, com os quais enchia o cesto. E as donas-de-casa ficavam impressionadas por haver tantos em seus lares!

Curiosamente, as crianças desapareciam como os escorpiões; por mais que se procurasse por elas, não se conseguia encontrá-las! Mas pouco se lamentava, pois as crianças que sobravam eram tão obedientes que serviam de consolo para a ausência das que sumiam.

En fait, le vieil homme était sorcier : ce n'était pas des insectes dont il débarrassait les maisons, c'était des enfants désobéissants. Il les transformait en scorpions et les emportait au nez et à la barbe des vieux assis sur leur natte ou couchés la tête posée sur leur oreiller de bois.

Dès qu'il s'était éloigné du village, le chasseur de scorpions regardait sa récolte : des garçons et filles ulcérés qui se mordaient, se pinçaient, se piquaient. Dès que l'un tentait de s'échapper, les autres le plaquaient et tous retombaient au fond. Le soir, le vieil homme s'amusait de ses nouveaux pensionnaires. Arrivé chez lui, il posait son panier, les regardait se quereller et n'y pensait plus.

Les jours passaient ainsi, le vieil homme partait avec ses proies et revenait le soir avec quelques autres. Quant aux vrais scorpions, il n'en avait guère dans ces paniers : tous étaient des enfants. Des enfants d'éléphants, des enfants d'hommes, des enfants de kob ou de buffles. Des enfants d'oiseaux et de taupes, de fourmis et de libellules... et même de scorpions ! Des enfants de la brousse. Tous des enfants méchants !

Na verdade, o velho era um benzedeiro²⁵: não era dos insetos que ele livrava as casas, mas das crianças desobedientes. Eles as transformava em escorpiões bem debaixo dos narizes dos velhos sentados sobre os seus travesseiros de madeira.

Assim que se afastava da aldeia, o caçador de escorpiões observava a sua colheita: meninos e meninas frustrados que se mordiam, se beliscavam e se picavam. Assim que um tentava escapar, os outros pulavam sobre ele e todos caíam no fundo do cesto. À noite, o velho se divertia com os seus novos hóspedes. Chegando em casa, largava o cesto, via-os brigarem e não pensava mais no assunto.

Os dias passavam assim, o velho ia embora com as suas presas e voltava para casa com algumas novas. Quanto aos verdadeiros escorpiões, quase não havia nenhum dentro desses cestos: todos eram filhos de alguém. De elefantes, de homens, de cobo²⁶, de búfalos. Filhotes de passarinhos, de toupeiras, de formigas, de libélulas... e até de escorpiões! Filhos do mato. Todos maus!

²⁵ Dada a carga pejorativa atrelada à palavra “feiticeiro”, preferiu-se utilizar uma forma mais neutra.

²⁶ Espécie de antílope nativa da África subsaariana.

Un jour, deux frères furent ainsi saisis par le vieux. Quand ils se furent bien fatigués plusieurs jours à faire tomber ceux qui s'évadaient et à tomber eux-mêmes quand ils avaient voulu s'échapper, ils s'aperçurent qu'une petite fille pleurait. Cela les amusa dans leur désespoir et ils allèrent la piquer, la piquer de leur dard, la piquer de leur méchanceté. Elle pleura encore plus et cela les réjouit. Mais le spectacle finit par les lasser et ils la délaissèrent, cherchant à s'enfuir encore. Tous les soirs, ils retrouvaient la petite fille pour la torturer, elle, la seule qui ne bougeait pas. Et de plus, la seule qui ne tentait pas de se sauver !

Après de longues semaines de captivité, les deux garçons reconnurent dans la maison que le vieux nettoyait, leur propre maison. Ils virent leur mère ! Ils faillirent ne pas la reconnaître. Elle avait blanchie. Ses cheveux n'étaient plus tressés, ils n'étaient même pas peignés. La peau de son visage était toute grise des pleurs qui l'avaient lavée... Le soir, désespérés, ils s'approchèrent de la petite scorpionne, qui ne dit rien, attendant les piques et les moqueries,

Um dia, dois irmãos foram apanhados assim pelo velho. Bem cansados, após vários dias derrubando aqueles que tentavam fugir e caindo quando eles mesmos tiveram vontade de escapar, notaram uma menininha chorando. Aquela cena os divertia em meio à desesperança e eles foram lá picá-la com os seus ferrões, picá-la com as suas maldades. Ela chorou ainda mais, o que voltou a alegrá-los. Mas eles se entediaram com a brincadeira e acabaram por deixá-la em paz, tentando fugir novamente. Todas as noites eles reencontravam a menininha para torturá-la, justamente a única que não se mexia e nem tentava se salvar!

Após longas semanas de cativeiro, os dois meninos reconheceram a casa que o velho limpava, era a sua própria. Eles viram a sua mãe! Quase não a reconheceram. Ela tinha empalidecido. Seus cabelos não estavam mais trançados nem penteados. A pele do seu rosto estava toda acinzentada pelas lágrimas que a tinha lavado... À noite, desesperados, aproximaram-se da escorpianzinha, que não disse nada, esperando pelas picadas e zombarias,

mais rien ne vint : les deux petits scorpions pleuraient ! « On ne peut se sauver que si nous ne nous aidons pas, dit-elle. Et on ne s'aide pas tout seul ! »

Les garçons ruminèrent toute la journée ce que la petite fille leur avait dit et, au matin, ils avaient un plan. Ils durent attendre le soir pour l'appliquer et supporter de cheminer toute la journée dans leur panier. Dans la nuit, ils firent régner l'ordre : à deux, ils étaient forts et ils matèrent tous les autres; puis ils purent se faire entendre. Au matin, ils avaient une petite troupe, celle composée des jeunes qui avaient revu : qui sa maison, qui l'arbre qui l'avait vu naître, qui le marigot où il s'ébattait.

Le vieux s'aperçut du changement: il les regarda et leur dit en riant: « Petits scorpions stupides, petits fils d'hommes ou de rhinocéros, de girafe ou de margouillat, de poisson capitaine, de poisson chat ou de crapaud. Oisillons

mas nada acontecia: os dois escorpiõezinhos choravam! “Só é possível nos salvar se nos ajudarmos”, disse ela. “E não dá para se ajudar sozinho!”

Os meninos refletiram todo o dia sobre o que a menininha tinha dito a eles e, de manhã, formularam um plano. Tiveram que esperar até o entardecer para executá-lo, suportando caminhar durante todo o dia dentro do cesto. À noite, fizeram reinar a ordem: em dupla, eram fortes e domaram todos os outros; em seguida, puderam ser ouvidos. Pela manhã, formavam uma pequena tropa, composta por jovens que tinham visto de novo onde estavam as suas casas, a árvore onde nasceram, o remanso onde brincavam.

O velho percebeu a mudança. Observou-os e disse, rindo: “Escorpiõezinhos estúpidos, filhotinhos de homens ou de rinocerontes, de girafa ou de agama²⁷, de peixe-capitão, de bagre ou de sapo. Filhotes de passarinhos

²⁷ Termo genérico para denominar mais de 30 espécies diferentes de pequenos lagartos de cauda longa nativos do continente africano.

désobéissants, éléphanteaux insolents, faons espiègles, alevins farceurs, salopiots de toute race ! Vous êtes condamnés à rester ici, punis, dans ce panier magique, pour toujours ! » Sa voix faisait mal à tous ces enfants qui pleurèrent, puis qui se donnèrent encore des coups ! Et leur bourreau reprit sa tournée, allant dans les maisons où les uns et les autres pouvaient reconnaître des personnes amies.

Le soir, leur tortionnaire alla se coucher, laissant ses prisonniers à leurs cris, leurs pleurs et leur méchanceté. Mais les deux frères étaient toujours bien décidés et continuèrent à organiser la révolte. Nuit après nuit, les deux frères, aidés par la petite fille, assurèrent leur loi, la firent ensuite partager à leurs alliés et admettre par les nouveaux venus qu'il fallait mater dès leur arrivée dans les paniers. Ayant enfin convaincus tous leurs compagnons d'infortune (et assommé les derniers arrivés qui ne voulaient rien entendre), un soir, à peine le vieillard parti, ils firent la chaîne et un scorpion, puis un second, puis un troisième et ainsi de suite, s'évadèrent.

desobedientes, elefantinhos insolentes, cervinhos travessos, alevinos galhofeiros, pestinhas de toda espécie! Vocês estão condenados a viver aqui, como punição, dentro desse cesto mágico, para sempre!” Sua voz fazia mal a todos esses filhos que choravam, depois de serem chutados outra vez. E o seu carrasco continuou a sua ronda, indo em casas onde uns e outros podiam reconhecer amigos.

À noite, o seu torturador foi se deitar, deixando os prisioneiros com os seus próprios gritos, choros e maldade. Mas os dois irmãos ainda estavam determinados a continuar a sua revolta. Noite após noite, os dois irmãos, ajudados pela menininha, fizeram valer a sua lei, depois fizeram com que fosse partilhada com os aliados e admitida pelos recém-chegados, sendo necessário que estes fossem dominados assim que chegassem ao cesto. Tendo enfim convencido todos os seus companheiros de infortúnio (e nocauteado os recém-chegados que não quiseram ouvir nada), uma noite, assim que o velho partiu, formaram uma corrente entre eles e um escorpião, depois um segundo, depois um terceiro, e assim por diante, escaparam.

Quand ils furent assez nombreux à s'être sauvés, les scorpions hors du panier firent tomber leurs prisons en s'entraïdant. Des deux paniers s'évadaient les scorpions. Il était temps, le vieil homme se levait de son grabat! Ils étaient presque tous sortis quand, dans la pâle lumière du matin, apparut l'ombre tant détestée du geôlier. Les scorpions firent front afin de laisser aux derniers, dont les deux frères qui traînaient leurs « récents collègues » assommés, la possibilité de fuir. Ils étaient bien décidés à ne pas se laisser attraper sans coup férir, comme la première fois quand, empêtrés dans leur nouvelle forme, ils n'avaient pas su comment s'échapper.

Mais le vieillard ne tenta rien, il éclata de rire et s'évanouit, c'était un djinn, qui partit comme tout djinn : dans un tourbillon de vent.

Quando um número suficiente se salvou, os escorpiões fora do cesto derrubaram as prisões se entreajudando. Os escorpiões escaparam dos dois cestos. Já estava na hora do velho se levantar do seu catre! Quase todos tinham saído quando, na pálida luz da manhã, apareceu a tão odiada sombra do carcereiro. Os escorpiões formaram uma barreira para que os últimos, liderados pelos irmãos que arrastavam os “recém-chegados colegas” atordoados, tivessem a possibilidade de escapar. Estavam decididos a não ser apanhados sem antes lutar, como da primeira vez em que, emaranhados em suas novas formas, não souberam como fugir.

Mas o velho nada tentou. Caiu na gargalhada e se dissipou, como um *jinn*²⁸, partindo como todo *jinn*: em um redemoinho de vento.

²⁸ Entidade sobrenatural da mitologia árabe, superior aos homens e inferior aos anjos, e cuja aparição pode trazer malefícios ou benfazejos.

Étonnés, les enfants se retrouvèrent ainsi : qui girafe qui oiseau, qui lézard qui poisson, qui lion qui humain, qui moustique qui buffle... Ils n'étaient plus le petit éléphanteau rejeté par sa maman, la petite carpe maudite par sa mère avec de si dures paroles, le girafon espiègle voué par sa mère aux djinns de la brousse. Ah ! Le lionceau désobéissant qui avait épuisé toutes les réserves de bonté de ses parents avait bien vieilli dans son panier ! Et le lézardeau avait laissé la place à un lézard bien décidé à rester sagement des jours entiers à se dorer au soleil au lieu de courir n'importe où au grand dam de dame maman qui n'en pouvait plus de sa désobéissance et l'avait rejeté. Tous s'enfuirent: qui par terre, qui par air, qui sauta dans l'eau, qui plongea dans un terrier... les pulges s'enfuirent accrochées au pelage des chiens, les aigles poursuivant les hirondelles...

Quant aux deux petits garçons et à la petite fille, c'étaient trois beaux jeunes gens qui allèrent fonder un village où ils appelèrent leurs vieux parents. Ils eurent plein d'enfants très obéissants.

Espantados, os filhos reapareceram assim: como girafa, como pássaro, como lagarto, como peixe, como leão, como humano, como mosquito, como búfalo... não eram mais o elefantinho rejeitado por sua mamãe, a carpinha amaldiçoada por sua mãe com palavras tão duras, a girafinha travessa condenada por sua mãe aos *jinnns* do mato. Ah! O leãozinho desobediente que tinha esgotado todas as reservas de bondade dos seus pais tinha amadurecido bastante dentro do cesto! E o lagartinho tinha dado lugar a um lagarto determinado a ficar sabiamente dias inteiros se bronzeando ao sol ao invés de correr para tudo quanto é canto para grande desgosto da senhora sua mãe que não aguentava a sua desobediência e o havia rejeitado. Todos fugiram: seja por terra, pelo ar, saltando dentro d'água, enfiando-se na toca... as pulgas fugiram agarradas aos pelos dos cães, as águias perseguindo as andorinhas...

Quanto aos menininhos e à menininha, eram três belos jovens que foram fundar uma aldeia onde eles chamaram os seus velhos pais. Tiveram muitos filhos obedientes.

La morale de ce conte est double. La première dit qu'il faut écouter ses parents : quand ils vous disent de grouiller, il faut grouiller; quand ils vous disent de dormir au soleil, il faut dormir au soleil; quand ils vous ordonnent de manger votre soupe ou votre tô, il faut manger. Quand ils ordonnent, vous obéissez !

La seconde morale est que, quelle que soit la situation désespérée que vous connaissez, sachez qu'en vous alliant à un autre, vous vous sortirez d'affaire.

Quant au conteur, il remet ce conte où il l'a trouvé sachant qu'un autre conteur rebondira et en racontera un nouveau.

A moral desse conto é dupla. A primeira diz que é preciso escutar os seus pais: quando dizem para se apressar, deve-se se apressar; quando dizem para dormir ao sol, deve-se dormir ao sol; quando dizem para comer a sua sopa ou o seu tô²⁹, deve-se comê-lo. Quando eles mandam, você obedece!

A segunda moral é que, seja qual for a situação desesperadora em que você se encontra, saiba que se aliando ao próximo, poderá sair dessa.

Quando ao contador, ele recoloca esse conto onde o encontrou, sabendo que um outro contador o pegará e o contará novamente.

²⁹ Purê feito de milhete ou sorgo (típicos do continente africano), serve de base da alimentação dos burkinenses.

Les deux héros de la cité de Sara

De Bobo-Dioulasso, Sara est le dernier village bwaba avant celui de Bondoukuy, où est la préfecture. C'était autrefois une cité très glorieuse. De sa gloire passée, il reste deux héros dont on raconte les exploits – à vrai dire, deux curieux héros. L'un était un géant, il s'appelait Nahouroun.

Histoire de Nahouroun

C'était un homme grand et fort, monstrueux. Déroulée, l'amulette de son bras faisait la taille d'un homme. Quand il dormait, il dormait comme une masse, et pour le réveiller, trois jeunes lui tapaient dessus à coups de pilon. Il aimait cela car, disait-il, cela réveillait son sang qui circulait mieux après la raclée.

Os Dois Heróis da Cidade de Sara

De Bobo Dioulasso³⁰, Sara é a última aldeia bwa³¹ antes da de Bondokuy³², onde fica a prefeitura³³. Em outros tempos, era uma cidade muito gloriosa. De sua glória do passado, restam dois heróis cujas façanhas são contadas – a bem da verdade, dois heróis peculiares. Um deles era um gigante chamado Nahouroun.

História de Nahouroun

Era um homem alto, forte e monstruoso. O amuleto em seu braço, desenrolado, era do tamanho de um homem. Quando dormia, dormia feito uma pedra e, para acordá-lo, três jovens batiam nele com pilão. Amava isso porque, segundo ele, a surra despertava o seu sangue e o fazia circular melhor.

³⁰ Segunda maior cidade do Burkina Faso, está situada na província de Houet, que, por sua vez, está localizada nas Altas Bacias (uma das treze regiões administrativas do país).

³¹ Grupo étnico, concentrado no sudoeste do país burkinense.

³² Capital do departamento de Bondokuy, situado na província de Mouhoun, que, por sua vez, está localizada na região do Meandro do Volta Negro.

³³ Como em português não há uma palavra que diferencie o prédio administrativo do departamento da cidade, a palavra “prefeitura” pode ser usada para os dois. A prefeitura mencionada no texto faz referência ao prédio administrativo do departamento de Bondokuy.

Son met préféré était le pain de singe, mais il était un peu feignant alors, plutôt que de grimper à l'arbre, il trouvait plus simple d'appeler les enfants. Il les jetait dans le baobab et ceux qui accrochaient une grosse gousse de fruit, ceux-là, et ceux-là seuls, il les rattrapait. Il les déposait gentiment à terre, il avait bon cœur quand même.

Quant aux autres, eh bien, ils se déposaient tout seuls ! Dans le fracas des branches mortes et leurs cris de peur, ils finissaient bien par arriver au sol ! La traînée des feuilles que leur chute arrachait restait longtemps à flotter dans l'arbre alors qu'eux-mêmes étaient déjà arrivés et que Nahouroun se saisissait d'eux et les renvoyait dans le feuillage.

Il arrivait que des enfants se fassent mal, un peu. Pas trop : les Bwabas de ce temps étaient des durs à cuire et ce n'est pas une chute du haut d'un baobab qui les aurait effrayé ; d'ailleurs, les enfants trouvaient cela très drôle, d'autant plus que la chute leur arrachait des cris de frayeur ! Et que tous les enfants du monde adorent avoir peur.

Seu prato favorito era a múcua³⁴, mas como era um pouco preguiçoso, ao invés de subir na árvore, achava mais fácil chamar as crianças. Jogava-as no baobá³⁵ e somente resgatava as que se agarrassem às grandes cápsulas de frutos. Colocava-as gentilmente no chão, até porque tinha um coração bondoso.

Quanto às outras crianças, bem, pode-se dizer que se colocavam no chão sozinhas! No estrondo dos galhos quebrados e seus gritos de medo, acabavam de um modo ou de outro no chão. O rastro de folhas arrancadas pelas suas quedas permanecia flutuando ao redor da árvore por um longo tempo, enquanto que elas mesmas já haviam caído no chão e que Nahouroun as agarrava e as jogava de volta na folhagem.

As crianças acabavam se machucando um pouco. Não muito: os bwa daquela época eram durões e cair do alto do baobá não os assustava; além disso, as crianças achavam aquilo muito engraçado, principalmente porque a queda arrancava delas gritos de susto! E todas as crianças do mundo adoram ter medo.

³⁴ Fruto do baobá. Uma chamada superfruta, é riquíssima em nutrientes e antioxidantes.

³⁵ Nome genérico para árvores de grande porte pertencentes a nove espécies do gênero *Adansonia*. Seu nome, de origem árabe, significa “pai de muitas sementes”.

Quand il allait à la guerre, qui était le grand sport bwaba de ces temps anciens, Nahouroun y allait sans armes : en porter aurait rendu la lutte trop inégale avec ses adversaires. Il y allait à mains nues. Et il tapait ! Et il tapait ! Et là ! Cela faisait plus mal qu'une chute du haut d'un baobab.

Histoire de Haho

Habo est aussi une des grandes figures de Sara, mais une triste figure : il était très méchant. C'était, comme beaucoup de Bwaba de ce temps, un grand archer. Mais avec lui, qui entendait siffler sa flèche, l'entendait mort, en route pour le pays des ancêtres. Quand il pleuvait et que chacun était bien chez soi, écoutant dehors la pluie féconde se déverser sur la brousse et les champs, Habo prenait plaisir à arracher les lozaho, ces larges gouttières qui protègent les lourds toits des maisons bwaba. Alors, quand le maître de maison sortait, inquiet de voir l'eau pénétrer dans la pièce, Habo le cueillait au couteau. Ces facéties le faisaient rire !

Quando ia para a guerra, grande esporte dos bwa dos tempos antigos, Nahouroun ia sem armas: portá-las tornaria a luta desigual contra os seus adversários. Só contava com os seus punhos. E dava socos! E socava! E continuava socando! Isso doía mais que cair do alto de um baobá.

História de Habo

Habo é também uma das grandes e tristes figuras de Sara: era muito mau. Era, como muitos bwa da época, um grande arqueiro. Mas com ele, quem ouvia silvar a sua flecha, ouvia já morto, a caminho da terra dos ancestrais. Quando chovia e todos estavam em seus lares, escutando do lado de fora a fértil chuva caindo sobre os arbustos e os campos, Habo se divertia derrubando os *lozaho*, essas grandes calhas que protegem os massivos telhados das casas bwa. Assim, quando o dono saía, preocupado com a água entrando na casa, Habo o apanhava com uma faca. Essas gracinhas o faziam rir!

Mais là où il était très méchant, c'est quand une mère excédée de la désobéissance de ses rejetons, les mettait dehors, il les prenait et en extrayait le jus! Il riait de leurs pleurs, car il était si méchant qu'il trouvait cela drôle, et il était bien le seul !

Ce qu'il aimait par-dessus tout, c'était se laisser prendre : les gens de Tankuy, Hannekuy, Bokuy, Bouan, Bondokuy l'ont ainsi tour à tour saisi. Il se laissait attacher. Les gens étaient heureux: ce méchant avait fini ses exploits sinistres ! Ils chantaient victoire! Trop tôt ! Quand la fête était à son comble, Habo éclatait ses liens en gonflant son corps musclé et se sauvait : il allait à la vitesse d'un cheval au galop, personne ne le rattrapait. Ces blagues le faisaient rire !

Mas o momento no qual ele se mostrava mais malvado era quando uma mãe, exasperada com a desobediência de sua prole, a botava para fora. O gigante pegava as crianças e fazia delas gato e sapato! Malvado que só, divertia-se e ria com os seus choros. Não havia ninguém como ele!

O que ele amava acima de tudo, era se deixar ser apanhado: moradores de Tankuy³⁶, Hannekuy³⁷, Bokuy³⁸, Bouan³⁹ e Bondokuy, sucessivamente, o capturaram assim. Deixava-se ser amarrado. Os moradores ficavam felizes: as façanhas sinistras desse vilão tinham acabado! Eles cantavam vitória! Cedo demais! Quando a festa estava no auge, Habo arrebetava as amarras, estufando o seu corpo musculoso, e fugia: corria na velocidade de um cavalo a galope, ninguém o alcançava. Essas brincadeiras o faziam rir!

³⁶ Comuna situada no departamento de Bondokuy.

³⁷ Extinto vilarejo do departamento de Djibasso, situado na província de Kossi, que, por sua vez, está localizada na região do Meandro do Volta Negro.

³⁸ Comuna de Bondokuy.

³⁹ Comuna de Bondokuy.

Mais un jour, un Peulh de Derakuy décida d'affronter Habo. Ce Peulh, tout le monde sait son nom : c'était Pebwéré, dit Le Puissant. Il s'était longuement préparé au duel et avait travaillé à acquérir de grands pouvoirs magiques. Quand il lança son défi à Habo, il était d'une grande puissance magique.

Le Puissant rencontra Le Méchant sur la route de Bossora. C'est Habo qui tira le premier : il visa la tête du Peulh, mais la flèche s'enfuit dans la brousse. Dépité, Habo visa le cheval, mais la flèche s'écarta de sa cible. Le Puissant, lui, tua magiquement le cheval de Habo : sa flèche évita tous les barrages de Habo et atteignit sa victime. Ensuite, Pebwéré avait désarmé Habo qui vit ses armes voler dans l'air comme des feuilles emportées par un djinn. Enfin, le Peulh rattrapa Habo qui fuyait la défaite et le lia par des charmes.

Mas um dia, um fula de Derakuy⁴⁰ decidiu confrontar Habo. Todos sabiam o seu nome: Pebwéré, também conhecido como O Poderoso. Tinha se preparado por muito tempo para esse duelo e tinha trabalhado para conseguir grandes poderes mágicos. Quando lançou seu desafio a Habo, estava de posse de um grande poderio mágico.

O Poderoso se encontrou com O Malvado na estrada de Bossora⁴¹. Foi Habo quem atirou primeiro: apontou para a cabeça do fula, mas a flecha escapou para dentro da mata. Irritado, Habo mirou no cavalo, mas a flecha se desviou do seu alvo. O Poderoso matou magicamente o cavalo de Habo: a sua flecha desviou de todas as barreiras feitas por Habo e atingiu a sua vítima. Em seguida, Pebwéré desarmou Habo, que viu as suas armas voarem pelo ar como folhas arrebatadas por um *jinn*. Finalmente, o fula alcançou Habo, que fugia da derrota, e o amarrou com um feitiço.

⁴⁰ Distrito de Bondokuy.

⁴¹ Vilarejo do departamento de Satiri, situado na província de Houet.

Pebwéré amena le vaincu au chef de Bondokuy. Tous les villages bwaba avaient envoyé des représentants officiels, ce qui n'empêcha pas les maisons de rester vides : tous ceux qui pouvaient marcher étaient venus assister à la mise à mort de Habo, car tous voulaient le lapider, l'étrangler, l'écarteler, le décapiter, le découper en morceaux... On discutait ferme de la meilleure manière de le tuer en le faisant souffrir. Mais le Peulh gâcha la fête que se promettaient tous ces gens avides de vengeance: il refusa qu'on tue Habo !

Pebwéré alla vendre Habo à Warkoye : « Si tu reviens, lui dit-il, je te tuerai sans sommations. » Le Méchant partit comme esclave mais il se sauva. Dans sa fuite, il repassa à Bondokuy, mais si vite qu'il put échapper à la foule et à la colère du Puissant et il disparut.

Le chef de Bondokuy, de la famille des Coulibaly, lança une cotisation pour remercier Pebwéré de sa bravoure, de sa puissance et de sa bonté.

Pebwéré trouxe o vencido ao chefe de Bondokuy. Todas as aldeias bwa tinham enviado representantes oficiais, o que não impediu as casas de ficarem vazias: todos os que podiam andar tinham vindo assistir à morte de Habo, porque todos o queriam apedrejar, estrangular, esquarterar, decapitar, cortar em pedaços... Discutia-se a melhor maneira de matá-lo, fazê-lo sofrer. Mas o fula estragou a festa que se prometia a todas as pessoas ávidas por vingança: não deixou que matassem Habo!

Pebwéré foi vender Habo à Warkoye⁴²: “Se voltar”, disse-lhe, “mato você sem avisar”. O Malvado partiu como escravo, mas se salvou. Em sua fuga, retornou a Bondokuy, mas rapidamente conseguiu escapar da fúria da multidão e da ira do Poderoso e desapareceu.

O chefe de Bondokuy, da família dos Coulibaly, propôs recolher um tributo para agradecer Pebwéré por sua bravura, por seu poder e por sua bondade.

⁴² Também chamado por Ouarkoye, é a capital do departamento de Ouarkoye, situado na província de Mouhoun.

C'est en hommage à Pebwéré que les Peulhs font partie de la coutume de Bondokuy. Jamais on ne les oublie quand un événement se passe, bon ou mauvais. C'est un hommage que les Bwaba d'aujourd'hui rendent à l'amitié d'un grand chef de terre, Coulibaly, avec Pebwéré le Puissant. Et qu'un vieux meure dans les campements peulh, et alors les griots bwaba l'annoncent, hommage que l'on ne rend pas aux autres étrangers mais aux seuls Peulh.

Coulibaly Yézuma Raphaël, le conteur de Bondokuy, vous demande la route, il connaît plein d'autres histoires, mais il faut qu'il rentre à Sara pour remettre ces légendes où il les a trouvées.

É em homenagem a Pebwéré que os fulas fazem parte do costume de Bondokuy. Nunca são esquecidos quando um evento acontece, seja bom ou ruim. É uma homenagem que os bwa de hoje prestam à amizade entre um grande chefe de terra, Coulibaly e Pebwéré, o Poderoso. E a morte de um velho nos campos fula, anunciada por griôs⁴³ bwa, é uma homenagem que não se presta a outros estrangeiros, somente aos fulas.

Coulibaly Yézuma Raphaël, o contador de Bondokuy, lhe pergunta o caminho. Conhece muitas outras histórias, mas é preciso retornar a Sara para colocar essas lendas de volta onde as encontrou.

⁴³ Na África Ocidental, é o indivíduo responsável por preservar e transmitir as histórias e os conhecimentos do seu povo.

5 ANÁLISE DA TRADUÇÃO

Como visto nos textos acima apresentados, este trabalho tem por foco a tradução comentada de três contos maravilhosos do Burkina Faso: *Ilo et Tyamaba*, *Les scorpions* e *Les deux héros de la cité de Sara*. A partir dos desafios enfrentados durante o processo tradutório, serão apresentadas aqui justificativas para as estratégias adotadas, além de uma reflexão acerca das dificuldades de se traduzir de uma língua para outra e de se trabalhar com um gênero literário como o conto.

As histórias escolhidas foram extraídas da coletânea do escritor e antropólogo Bernard Germain Lacombe, *Petits contes des savanes du Burkina Faso* (2003). Nascido em 1939, na diáspora francesa africana, Lacombe é um antropólogo pela *IRD-orstom*, órgão público francês de pesquisa e tecnologia que promove a cooperação entre institutos de pesquisa e universidades para o e desenvolvimento científico. Seu trabalho de campo se concentra em estudos na América Latina e África, especialmente no Burkina Faso.

Além de textos etnográficos e demográficos, é também autor de diversos contos e novelas, cujos temas estão sempre relacionados às histórias que escutou e observou enquanto viajava a trabalho pelo continente africano. É esse contato com os locais e a sua cultura que o motivou a escrever e publicar esse livro, como explana em seu prefácio:

Enquanto viajava pelo Burkina, conheci um menino muito estudioso. Ele tem oito anos e se chama Boris Coulibaly (na Burkina, fala-se Coulibaly Boris, o sobrenome sempre vem antes do primeiro nome). Tem um irmão tão estudioso quanto ele (já a irmãzinha ainda é muito nova para saber se seguirá o mesmo caminho). Boris pediu algo para ler, mas como eu só tinha um livro de contos, fez uma careta e me disse que os adultos que escreviam as histórias tomavam as crianças por bebês. Prometi-lhe escrever um livro de histórias só para ele e para o irmão. (LACOMBE, 2003, p. 7) [Tradução nossa]⁴⁴

⁴⁴ *En voyageant au Burkina, j'ai rencontré un petit garçon très doué pour les études. Il a huit ans et s'appelle Boris Coulibaly (au Burkina on dit Coulibaly Boris, le nom se met toujours avant le prénom). Il a un frère tout aussi doué que lui (pour leur petite sœur elle est encore trop petite pour savoir si elle suit la même voie). Boris a demandé de quoi lire, alors comme je n'avais qu'un livre de contes, il a fait un peu la grimace et m'a dit que les adultes qui écrivaient les contes prenaient les enfants pour des bébés. Je lui ai promis d'écrire un livre de contes rien que pour lui, et pour son frère.* (LACOMBE, 2003, p. 7)

Os contos selecionados foram traduzidos na norma padrão da variante brasileira da língua portuguesa. Levando-se em conta ainda que se trata de um gênero literário voltado majoritariamente para um público infanto-juvenil, foi adotada uma linguagem simples e acessível. Em outras palavras, procurou-se deixar o texto claro e conciso, com frases curtas e de maneira a facilitar a leitura em voz alta pelo contador da história⁴⁵, tal qual é expresso no final de cada conto.

Coulibaly Yézuma Raphaël, o contador de Bondokuy, lhe pergunta o caminho. Conhece muitas outras histórias, mas é preciso retomar a Sara para colocar essas lendas de volta onde as encontrou. (**Os Dois Heróis da Cidade de Sara**, p. 39)

Traduzir, como explicitado anteriormente, implica mais que uma simples correspondência de palavras ou frases. Embora o francês e o português se assemelhem em muitos níveis, uma vez que ambos se originaram do latim, essas línguas passaram por diferentes processos formativos que as distinguiram entre si, seja em termos lexicais, sintáticos, seja semânticos. De tal modo, ainda que o parentesco entre esses idiomas possa facilitar superficialmente a tradução, é preciso cuidado para não cair nas armadilhas de uma enganosa familiaridade.

Essa armadilha diz respeito também ao que se conhece como modelo de conto. Como mencionado anteriormente, embora um gênero universal, o conto africano possui acentuadas diferenças quando comparado à tradição europeia. De maneira a evitar cair em estereótipos ou no lugar-comum, é preciso conhecer os elementos que compõem a cultura africana e, por consequência, a sua literatura, contribuindo, assim, de forma efetiva para os estudos decoloniais.

No que tange ao texto, um dos problemas enfrentados durante o processo tradutório desse trabalho foi lidar com as diferenças mais sutis de uma língua para outra. O exemplo mais evidente disso foi durante a tradução da palavra *enfant*. Em francês, esse termo não apenas pode ser entendido como “criança” e “filho(a)”, como também pode abarcar tanto as proles de humanos quanto as de animais. Aliado a isso, o texto em francês ainda faz uso de substantivos para filhotes de animais que não existem em português.

⁴⁵ Aqui cabe o adendo sobre a importância da griotagem, praticada por estes indivíduos que preservam a tradição oral das sociedades africanas. Para a cultura africana, muito mais que a europeia, a tradição oral porta consigo um valor sagrado, vinculado à origem divina e a “forças etéreas” (HAMPATÉ BÂ, 2010). Preservá-la significa respeitar uma ancestralidade e uma espiritualidade.

A solução encontrada para essa problemática foi trabalhá-la caso a caso. Nas situações em que se falava dos filhos humanos, optou-se por utilizar a palavra “*criança*”.

[...] *ce n'était pas des insectes dont il débarrassait les maisons, c'était des **enfants** désobéissants.*

[...] não era dos insetos que ele livrava as casas, mas das **crianças** desobedientes. (**Os Escorpiões**, p. 27)

Por sua vez, nos momentos em que *enfants* se referia tanto aos descendentes de pessoas e aos de animais, foi utilizado o termo “filhos de alguém”.

[...] *tous étaient des **enfants**. Des **enfants** d'éléphants, des **enfants** d'hommes, des **enfants** de kob ou de buffles.*

[...] todos eram **filhos de alguém**. De elefantes, de homens, de cobo, de búfalos. (**Os Escorpiões**, p. 28)

Por fim, nos trechos onde se mencionavam as formas de denominação de crias de animais foi preciso achar diferentes saídas, como mostra a tabela abaixo:

Em francês	Em português
Oisillons	Filhotes de passarinhos
Eléphanteaux	Elefantinhos
Faons	Cervinhos
Alevins	Alevinos
Girafeau	Girafinha
Lionceau	Leãozinho
Lézardeau	Lagartinho

O francês, tal qual o português, possui sufixos para denotar o diminutivo de substantivos (*-illon*, *-eau*). Dessa forma, nos casos mais simples, não houve obstáculos em se traduzir pela forma diminutiva em língua portuguesa (“elefantinhos”, “girafinha”). Houve, no entanto, um caso em que a palavra francesa (*faons*) não possui correspondente no português; logo, a solução encontrada foi repetir a forma diminutiva em “-inhos”.

Essa estratégia frequentemente utilizada no português, contudo, também foi fonte de um outro problema para a tradução. A palavra “passarinhos”, cuja forma seria uma correspondência para a francesa *oisillons*, é mais comumente usada para denominar de

forma genérica as aves de pequeno porte do que as suas crias. Optou-se, então, pela locução substantiva “filhotes de passarinhos”.

Devido a algumas diferenças inerentes às construções sintáticas destas duas línguas, foi inevitável fazer algumas acomodações, como é possível ver no exemplo abaixo:

Étonnés, les enfants se retrouvèrent ainsi : qui girafe qui oiseau, qui lézard qui poisson, qui lion qui humain, qui moustique qui buffle...

Espantados, os filhos reapareceram assim: como girafa, como pássaro, como lagarto, como peixe, como leão, como humano, como mosquito, como búfalo... (**Os Escorpões**, p. 32)

Enquanto a exemplificação no francês foi realizada através do pronome relativo *qui*, no português, a mesma foi construída com a conjunção “como”. Foi preciso formular a frase dessa maneira, uma vez que a língua portuguesa não faz esse tipo de construção sintática com o pronome relativo.

Outro cuidado referente à tradução foi a manutenção da caracterização dos personagens. Usualmente, seus traços de personalidade são realçados no texto a partir do uso de expressões idiomáticas ou mesmo a partir das figuras de linguagem que utilizam para demonstrar um sentimento. O trecho a seguir é um bom exemplo desses casos:

Piquée au vif, l'épouse voulut en avoir le cœur net [...] (Ilo et Tyamaba, p. 22)

O sentimento expresso no excerto acima é de revolta e de determinação para desvendar a verdade. Numa tradução livre, podia-se entender “ofendida, a esposa foi tirar a história a limpo”. Numa procura por um correspondente em português, podia-se ainda pensar em “fula da vida, a esposa quis acabar com a dúvida na sua cabeça”, uma expressão mais recorrente na língua portuguesa. Porém, em ambos os casos, perde-se o valor emocional que a frase do texto francês acarreta, presente tanto em *piquée au vif* quanto em *avoir le cœur net*.

Como destaca Berman (2013), é preciso encontrar um meio termo entre fazer-se entender no texto de chegada e manter os traços importantes e característicos do texto de partida. Dessa maneira, optou-se pela seguinte tradução:

Ressentida, a esposa quis livrar o coração da dúvida [...] (**Ilo e Tyamaba**, p. 22)

Além do adjetivo “ressentida” englobar uma multiplicidade de sentimentos (fúria, angústia e despeito), mantém-se a imagem do coração na figura de linguagem da personagem e, por consequência, o valor emocional da cena.

Para além da relação francês e português, é importante ressaltar que não se trata puramente de um texto francófono. Produzidos no Burkina Faso e repleto de elementos oriundos dessa região, os contos transbordam traços lexicais das línguas e culturas locais, sejam estes nomes próprios, topônimos, nomes relativos à natureza ou à alimentação.

Embora as últimas décadas tenham sido acompanhadas de um considerável aumento de interesse pelo continente africano e tudo o que envolve a sua tradição e costume, há ainda uma escassez de informações no que tange às suas mais diversas culturas e línguas, sobretudo nos países mais marginalizados. O Burkina Faso faz parte desse último grupo: por mais que se conheça um pouco sobre a sua capital, sua história, sobre seus povos e as línguas ali faladas, os estudos para além dos conhecimentos básicos sobre o país não é tão extenso quanto poderia ser, estando ainda majoritariamente restrito a revistas especializadas e a livros historiográficos sobre o continente africano⁴⁶.

A tradução realizada neste trabalho refletiu esse panorama: enquanto se optou por traduzir os termos que estão já cristalizados em português, como os nomes de povos *bwa* e *fula*, a árvore *baobá* e o nome da capital Bondokuy, por outro lado, palavras cujas correspondências no português não possuem uma forma definitiva, ou que nem ao menos existem, foram mantidas em suas escritas originais. Entre elas, destacam-se os nomes de alimentos como *soumbala* e *tô*, de uma espécie de árvore como *nelgi* e de cidades como *Hankuy*, *Hannekuy* e *Bokuy*.

Abaixo, pode-se verificar a lista dos termos de origem africana que aparecem nos contos selecionados:

Termo	Tradução
Peulh	Fula
Bwaba	Bwa
Nelgi	Nelgi

⁴⁶ Um deste é a “História Geral da África”, editado por Joseph Ki-Zerbo, e que se estende por oito volumes, que compreendem desde a pré-história do continente até a história contemporânea. No Brasil, foi publicado e traduzido pelo Comitê Científico Internacional da UNESCO. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/search/0691f65d-db29-48af-b9f1-9d1cb8860ba9>>.

Baobab	Baobá
Soumala	Soumala
Tô	Tô
Bondoukuy	Bondokuy
Sara	Sara
Bobo-Dioulasso	Bobo Dioulasso
Tankuy	Tankuy
Bannekuy	Bannekuy
Bokuy	Bokuy
Bouan	Bouan
Derakuy	Derakuy
Bossora	Bossora
Warkoye	Warkoye

Vale destacar que essa decisão de preservar elementos lexicais das línguas locais é uma posição tomada pelo próprio autor, uma vez que a coletânea é direcionada primariamente às crianças burkinenses. Em determinados casos, de modo a auxiliar a leitura de quem não é do Burkina Faso, é até mesmo feita uma breve explicação do termo em questão, dentro do próprio texto, tal qual pode ser verificado nos trechos em que há a menção de palavras como *lozaho* (telhado típico da região) e *koro* (irmão mais velho).

Abre-se aqui um parêntese para reconhecer, ainda, que a escolha de não adaptar termos estrangeiros para as regras de prosódia do português implica uma maior dificuldade de leituras para os leitores brasileiros; isto é, na fluidez do texto. Considerando-se o consumo indiscriminado de produtos audiovisuais estrangeiros, sobretudo os de língua inglesa, reitera-se a posição deste trabalho de não apenas manter as formas estrangeiras, mas de realçá-las, pois, embora causem estranheza nos falantes de língua portuguesa em um primeiro momento, apenas a partir do seu uso e recorrência é que um dia eles deixarão de sê-lo.

Lidar com uma outra cultura não tão conhecida é também se desprender de informações adquiridas erroneamente durante os anos e ampliar a visão de mundo. A forte influência da tradição europeia refletiu a maneira como elementos e personagens de outras culturas foram e são vistos mundo afora, bem como a maneira pela qual são

chamados. Um dos grandes exemplos dessa má interpretação pode ser visto a partir de uma figura bastante presente nos contos africanos: a entidade sobrenatural conhecida por *jinn*.

Equivocadamente traduzido como *gênio* pela tradição ocidental, *jinn* pouco se assemelha à sua suposta contraparte românica. O dicionário Houaiss define o *djim* – termo cunhado pela norma padrão portuguesa – como “cada uma das entidades corporais maléficas ou benfazejas, superiores aos homens e inferiores aos anjos, imperceptíveis aos sentidos, e cuja importância na literatura popular e no folclore árabes é bastante grande”.

Por sua vez, ainda de acordo com Houaiss, o *gênio* da mitologia romana refere-se a um tipo de “espírito que, segundo os antigos, regia o destino de um indivíduo, de um lugar etc., ou que se supunha dominar um elemento da natureza, ou inspirar as artes, as paixões, os vícios etc.”. Estes atributos, embora superficialmente possam vir a remeter um ao outro, não os tornam o mesmo.

De onde surgiu essa confusão entre dois personagens tão distintos, então? Tudo parece apontar para as primeiras traduções em francês dos contos *As Mil e Uma Noites* por Antoine Galland, entre os anos 1704 e 1717⁴⁷. Ainda dentro de uma tradição de tradução francesa, as infames *belles infidèles*, o estranho *jinn* deu lugar ao familiar *génie*, muito provavelmente devido à proximidade fonética entre essas duas palavras.

Muito embora o francês mais tarde tenha cristalizado uma forma própria para o ser da mitologia árabe, como pode ser visto no famoso poema de Victor Hugo, *Les Djinns* (1829), o inglês, devido à forte influência da língua francesa, consolidou a palavra *genie* em seu vernáculo. Sendo ela a grande língua de potência da era contemporânea, em especial com o aporte das novas mídias, não é de se estranhar que esse termo tenha se estabelecido na cultura popular, referindo-se sem distinção tanto à entidade romana quanto ao personagem árabe.

Tratando-se, então, de dois seres mitológicos com origens e atributos completamente diferentes, não faz sentido propagar uma mesma forma para se referir a ambos. Uma vez que o mote deste trabalho é o de ressaltar traços e elementos de uma

⁴⁷ SOUZA, Célia Daniele Moreira de. Um Tema para Medievalistas: Os gênios no Islã. **Blog do POIEMA**. Pelotas 02 mai. 2023. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/poiema/um-tema-para-medievalistas-os-genios-no-islã/>. Acesso em: 03 mai. 2023.

cultura outrora marginalizada, toma-se aqui como posicionamento o de contribuir efetivamente para a consolidação da palavra que mais se aproxime da estrangeira.

Ainda que dicionários como o Houaiss e o Michaelis considerem a forma *djim* como a tradução correta para a palavra em árabe, o que se percebe atualmente, na verdade, é uma manutenção da forma estrangeira, *jinn*, como, por exemplo, no seriado de título homônimo da *Netflix*, lançado em 2019. Embora não seja o foco deste trabalho fazer um levantamento estatístico da recorrência de certos termos, uma rápida busca pela ferramenta de pesquisa *Google* mostra uma predominância do termo *jinn* quando posto em comparação a *djim* em textos e vídeos em língua portuguesa.

Dessa forma, tomou-se como posição neste trabalho a de acompanhar esse movimento de manutenção de termos estrangeiros e, por consequência, a escolha pela forma *jinn*.

A proposta geral dessa tradução é tanto a de replicar o valor literário do texto de partida para o texto de chegada quanto valorizar a riqueza cultural que essas histórias trazem em si. A intenção é dar a oportunidade ao leitor de imergir nessa outra cultura e conhecer um pouco essa outra realidade que por muito tempo, por muitos motivos, esteve à margem.

Se por um lado a obra de Lacombe faz parte de uma literatura de autoria africana de língua francesa, isto é, embora tenha sido escrito na língua do país colonizador, o seu conteúdo gira em torno do contexto de origem do autor (no caso, a cultura burkinense), por outro, entende-se essa tradução como parte de uma literatura africana em língua portuguesa. Como mostra Rafael (2019), tais conceitos fortalecem a literatura africana como um todo, incentivam os estudos relacionados à área e amparam na difusão das obras que a constituem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de tradução, como esperado, trouxe diversos pontos de reflexão. Mais que apenas um trabalho sobre a palavra, isto é, o valor estético do texto, tratou-se igualmente do seu valor literário enquanto obra de uma cultura não-hegemônica. O trabalho aqui realizado permitiu explorar um pouco as características e costumes referentes ao Burkina Faso, conferindo à cultura local sua devida posição de protagonismo.

Através dos contos selecionados, pôde-se identificar alguns dos elementos que fazem parte e imprimem as marcas da região. Constatou-se, por exemplo, um protagonismo, como chefe de família, da mulher enquanto mãe. Ao lado dos habitantes mais velhos da comunidade, é ela a responsável por passar adiante os conhecimentos, vulgo a tradição, para os mais novos.

As crianças, por sua vez, representam o futuro. Comumente os heróis dessas histórias, é preciso que elas compreendam a força desse legado. Como é de praxe no maravilhoso, elas devem passar por um grande processo metamórfico; porém, diferentemente da tradição europeia, no conto africano o que será expurgado serão suas individualidades em favor do comunitário. O final não resultará em um reinado ou uma vida bem-sucedida, mas em um bom indivíduo que será capaz de trabalhar em prol do bem de sua comunidade. Esse valor se estende também às figuras heroicas africanas, responsáveis por proteger o seu próprio povo e expulsar aqueles que atentem contra a paz local.

No que tange à forma, os textos traduzidos apresentaram uma gama considerável de palavras próprias das línguas locais. Entre topônimos e elementos da natureza, as expressões que aparecem nos contos, em grande maioria, pouco ou quase nada são conhecidas na língua portuguesa. Visando-se ressaltar o estranho do texto, tal qual propõe Berman (2013), esses termos, de modo geral, foram mantidos em suas formas estrangeiras ou o mais próximo possível das mesmas, com o devido aporte de suas significações, quando era necessário.

Houve ainda um interessante caso de ressignificação de terminologia. A palavra *jinn*, uma representação da forte influência árabe no Burkina Faso, foi um dos altos pontos

de debate nesse trabalho. Tomou-se a consciente decisão de não apenas abolir a romanização desse termo, *gênio*, como também de não utilizar a forma dicionarizada em português, *djim*. Dessa forma, valendo-se do crescente uso desse termo em diferentes mídias, e indo ao encontro das outras palavras de origem africana traduzidas, optou-se por utilizar o termo árabe *jinn* no texto em português.

De uma forma geral, o processo de tradução correspondeu às expectativas quanto às dificuldades apresentados por Britto (2012). Nos três textos trabalhados, surgiram entraves de tradução, em diferentes níveis de traduzibilidade. Embora inevitavelmente tenha havido perda de alguns valores literários, crê-se firmemente que as saídas encontradas para esses obstáculos tenham sido satisfatórias no sentido de ter se criado um texto em português à altura do texto de partida em francês.

Espera-se que este trabalho tenha efetivamente contribuído para a luta atual de dar protagonismo a culturas outrora marginalizadas. Que daqui em diante mais pessoas possam vir a saber o que é um *lozaho* ou um *tô*; que o personagem a ser reconhecido é “o *jinn* da lâmpada” e não o “gênio da lâmpada”; que além da sua capital Bondokuy, Burkina Faso possui também cidades como Bankuy, Bouan e Bossora. Que esses termos, que à primeira vista soam estranhos nos lábios, não mais o sejam uma vez que se tornem mais conhecidos e divulgados.

Partindo-se da ideia de que o tradutor atua como um mediador cultural, é pertinente reiterar também o valor dessa tradução enquanto obra literária: além de propagar a difusão da cultura africana, os textos em português passam a fazer parte de uma literatura africana em língua portuguesa, isto é, um conjunto de obras escritas na língua portuguesa que valoriza e põe em evidência a cultura em questão nos territórios lusófonos.

Fica aqui a esperança de que mais adiante mais traduções de contos e outros gêneros literários sejam feitas, sejam dos demais contos da coletânea de Lacombe, *Petits contes des savanes du Burkina Faso*, sejam de outras obras de outros países, por este tradutor ou por outros estudantes em formação e profissionais. O importante é que se siga esse movimento em prol da diversificação cultural para o qual o mundo felizmente tem acordado e ansiado por conhecer.

REFERÊNCIAS

2020 Report on International Religious Freedom: Burkina Faso. **U.S. Department of State**. Disponível em: <<https://www.state.gov/reports/2020-report-on-international-religious-freedom/burkina-faso/>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

ATANGANA, Nicolas. La femme africaine dans la société . **Nouvelle série**, N° 13, Présence Africaine Editions, abr.-maio, 1957, p. 133-142.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. 2. ed. Tradução: TORRES, Marie-Hélène C.; FURLAN, Mauri; GUERINI, Andreia. Florianópolis: Copiart, 2013.

BRITTO, Paulo Henriques. Tradução e ilusão. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 26, n. 76, p. 21-27, 2012.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução: SOBRAL, Adail Ubirajara. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1989.

CARVALHO, Ricardo Ossagô; TUBENTO, Medilanda Elisseeu Amós. Matriarcado africano: uma análise nos escritos dos feminismos. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 17, n. 33, 2021, p. 305-328.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dictionnaire des symboles: mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres**. 11. ed. Paris : Robert Laffont / Jupiter, 1990.

FISHIER election communale du Burkina Faso. **Inforoute Communale du Burkina Faso**. Disponível em:

<https://archive.wikiwix.com/cache/index2.php?url=http%3A%2F%2Fwww.inforoute-communale.gov.bf%2Flist_vill%2Fliste_vill.htm#&>. Acesso em: 6 jun. 2023.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: **História Geral da África – I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO; Brasília: MEC; São Carlos, SP: UFSCar, 2010.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 3 mai. 2023.

KESTELOOT, Lilyan; BARBEY, Christian; NDONGO, Siré Mamadou. Tyamaba, mythe peul, et ses rapports avec le rite, l'histoire et la géographie. **Notes africaines : bulletin d'information et de correspondance**, Vol. 185-186, Université de Dakar, 1986.

KONAN, Yao Lambert. Le monstre des contes négro-africains de la pédagogie par la peur : un agent de la régulation sociale. **Çédille**, reviste des estudios francese, n. 8, 2012, p. 186-202.

KOUACOU, Jacques Raymond Koffi. Contes des pays ouest-africains d'expression française et éducation au respect de l'ordre moral : modalités fonctionnelles, enjeux et défis. **Science et technique**, Vol. 32, n° 2, Lettres, Sciences sociales et humaines, jul.-dez., 2016.

LACOMBE, Bernard Germain. **Petits contes des savanes du Burkina Faso**. Paris: L'Harmattan, 2003.

LACOSTE-DUJARDIN, Camille. **Le conte kabyle**. Paris, 1970, p. III.

LEGUY, Cécile. 2006. Sagesses animales: à propos des proverbes africains. In: **Notre Librairie**, n. 163, 2006, p. 21-25.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. In: **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, S. Paulo, vol. 18-19 (1), p. 103-118, 1995/1996.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/NxDQ/djim/>>. Acesso em: 3 mai. 2023.

N'DA, Pierre. **Le conte africain et l'éducation**. Paris: L'Harmattan, 1984.

NKASHAMA, Pius Ngandu. **Ruptures et écritures de violence: études sur le roman et les littératures africaines contemporaines**. Paris: L'Harmattan, 1997.

PAULME, Denise. Morphologie du conte africain. In: **Cahiers d'Études Africaines**, Vol. 12, Cahier 45, Recherches en Littérature Orale Africaine, 1972, p. 131-163.

RAFAEL, Maria Teresa Rabelo. **Campo editorial e circulação da literatura de autoria africana de língua francesa no brasil: um estudo de caso das estratégias de tradução em**

alá e as crianças-soldados, de Ahmadou Kourouma. Tese (Doutorado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SANTOS, Eumara Maciel dos. **A tessitura da palavra:** Um estudo sobre a oralidade africana na obra literária de Amadou Hampâté Bâ. Tese (Doutorado). Programa multidisciplinar de pós-graduação em estudos étnicos e africanos, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS, Gleisson (Trad.) et al. **Primeira confabulação:** Fábulas e Contos Negros e Crioulos. Salvador: Editora Segundo Selo, 2021.

SOUZA, Célia Daniele Moreira de. Um Tema para Medievalistas: Os gênios no Islã. **Blog do POIEMA**. Pelotas 02 mai. 2023. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/poiema/um-tema-para-medievalistas-os-genios-no-islã/>. Acesso em: 03 mai. 2023.

VICENTINI, Paulo Fagundes (Org.). **Burkina Faso**. Brasília: Thesaurus Editora, 2011.